

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

MESTRADO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO

JANAINA DOS SANTOS BERTI

**O TRABALHO DO JORNALISTA NA PRODUÇÃO DE UM MATERIAL
EDUCATIVO EM VÍDEO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GUIA DO CASAL
GRÁVIDO**

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2005

JANAINA DOS SANTOS BERTI

**O TRABALHO DO JORNALISTA NA PRODUÇÃO DE UM MATERIAL
EDUCATIVO EM VÍDEO: UM ESTUDO DE CASO SOBRE O GUIA DO CASAL
GRÁVIDO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, para a obtenção do título de mestre em Engenharia de Produção.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Vianna Meditsch

FLORIANÓPOLIS, SETEMBRO DE 2005

A Isadora, minha filhinha amada que é a razão de todos os meus esforços.

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à minha filha, mãe e irmãos, a quem não dediquei a atenção desejada durante todo o período de pesquisas.

RESUMO

Esta pesquisa trata de um estudo de caso sobre o trabalho de um jornalista na produção de uma série educativa em vídeo, com temas relacionados à gestação. O estudo compara os procedimentos adotados na realização do material em vídeo com as teorias levantadas por pesquisadores da divulgação científica no Brasil e também de outros países, analisando detalhadamente as etapas de produção da série. Seu objetivo principal é contribuir para a discussão dos problemas profissionais que cercam os jornalistas que dedicam seu trabalho à popularização dos conhecimentos científicos.

Palavras-chave: Difusão científica, divulgação científica, jornalismo científico, inter-relação Comunicação/Educação.

ABSTRACT

This research explores a case study about the work of a journalist in the production of an educative series in video, with gestation-related subjects. The study compares the proceedings adopted in the accomplishment of the video to the theories brought by science divulgation researchers from Brazil and also from other countries, analyzing meticulously the stages of the series' production. The primary purpose is contributing to the discussion of the professional problems that surround journalists who destine their jobs to the popularization of the science knowledge.

Keywords: Science diffusion, science divulgation, science journalism, communication-education correlation.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 METODOLOGIA.....	14
3 O CONTEXTO DO TRABALHO DO JORNALISTA COM AS CIÊNCIAS.....	16
3.1 O papel do jornalista.....	16
3.2 A valorização da produção científica nacional.....	26
3.3 Os problemas continuam os mesmos.....	28
3.4 Jornalistas em um novo campo de atuação.....	29
3.5 Democratização da ciência e desenvolvimento social.....	36
3.6 Formação do jornalista.....	42
4 A CONCEPÇÃO DO GUIA DO CASAL GRÁVIDO.....	52
4.1 Escolhas.....	53
4.1.1 Do assunto.....	53
4.1.2 Do suporte.....	61
4.2 Viabilidade.....	63
5 A PRÉ-PRODUÇÃO.....	65
5.1 Escolha das fontes	67
5.2 Primeiros contatos.....	72
5.3 Pré-roteiro.....	74
5.4 Pesquisa.....	75
5.4.1 Do público-alvo.....	76

5.4.2 Do tema	78
6 A PRODUÇÃO	83
6.1 Entrevistas.....	83
6.1.1 Relacionamento	84
6.1.2 Procedimentos	95
6.1.3 Interesses.....	102
6.2 Captação de imagens	108
6.2.1 Interesses do público	109
6.2.2 Diálogo com o público.....	113
7 EDIÇÃO.....	117
7.1 Seleção do material	118
7.2 Roteiro.....	119
7.3 O piloto.....	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	131
APÊNDICES.....	136

1 INTRODUÇÃO

A realização de uma série em vídeo educativa para gestantes intitulada *Guia do Casal Grávido* foi o que direcionou o interesse em pesquisar o trabalho do jornalista na produção de materiais educativos, especificamente nas áreas das ciências. Por ter sido um produto que deu certo, em dois aspectos que serão relatados no próximo parágrafo, o *Guia* também foi escolhido como objeto da pesquisa sobre o tema. Ao fazer um estudo de caso do trabalho do jornalista na produção da série educativa em vídeo, confrontou-se a prática deste tipo de atividade com as teorias sobre o assunto, tanto aquelas conhecidas na época em que a série foi realizada, quanto as apreendidas no transcorrer do curso de Mestrado.

Como foi relatado anteriormente, o *Guia do Casal Grávido* foi escolhido como objeto de pesquisa porque atingiu as metas principais às quais se propôs. Em primeiro lugar, foi aprovado como Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo, pela Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc). Segundo, obteve o reconhecimento acadêmico nacional ficando em segundo lugar na Expocom.

A EXPOCOM é uma exposição que reúne a produção da pesquisa experimental, realizada em todas as escolas de Comunicação do país, por estudantes de graduação, nas habilitações Cinema e Vídeo, Editoração, Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Comunicação Mercadológica, Rádio e TV e Relações Públicas. O evento acontece anualmente no mês de setembro, dentro do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. (UNIVERSIDADE POTIGUAR, 2005).

Em terceiro lugar, passou a ser utilizado nas aulas do *Curso para Gestantes e Casais Grávidos*, do Hospital Universitário (HU) da Ufsc, como havia sido idealizado pelos profissionais da saúde integrantes do grupo que oferece o curso. A ficha técnica completa do vídeo está no *Apêndice A* desta dissertação, no entanto, adianta-se aqui que a série foi produzida em parceria com o *Grupo de*

Gestantes e Casais Grávidos formado por especialistas da maternidade do HU/ Ufsc. Esta equipe realiza atividades educativas para gestantes com finalidades preventivas.

Ao estudar os teóricos da difusão científica, nas suas mais variadas formas, observou-se que o trabalho do jornalista em uma produção educativa e, ao mesmo tempo, envolvendo temas científicos, é uma forma particular de comunicação, portanto cabe a este segmento profissional uma discussão própria. A justificativa central desta pesquisa é, no entanto, contribuir para a discussão sobre mais esta especificidade do papel do jornalista na sociedade.

Utilizando-se o *Guia do Casal Grávido*, como objeto de pesquisa, analisou-se toda a metodologia empregada na realização do material, desde a pré-produção à edição, passando pela pauta; contato e relação com as fontes; gravação das entrevistas e filmagens; elaboração do roteiro; tipo de linguagem utilizada; seleção de imagens e trechos de entrevistas; finalização artística do material; entre outros procedimentos necessários à realização da série em vídeo. A partir do exame das tarefas realizadas para a conclusão do *Guia*, foi possível levantar falhas, sucessos, problemas, entre outras particularidades deste tipo de atividade (produção de material instrutivo) quando desenvolvida por um jornalista.

Ao comparar os procedimentos realizados e as dificuldades encontradas para fazer a série educativa (prática) com os estudos de pesquisadores do Jornalismo (teoria), sobre jornalistas que lidam com temas científicos, constata-se que o jornalista ao produzir um material educativo tem outras preocupações que não tem ligação com o fazer jornalístico. Além disso, mesmo que os temas, abordados pelo material instrutivo, sejam científicos, as tarefas desempenhadas pelo jornalista não são totalmente as mesmas de um jornalista científico. O jornalista que se envolve em projetos didáticos, acaba utilizando de estratégias pedagógicas para que o material instrutivo atinja o objetivo educativo junto ao público-alvo ao qual foi destinado, desencadeando processos cognitivos nos indivíduos.

Não se está aqui querendo dizer que o jornalista ao realizar uma série educativa em vídeo, como o *Guia do Casal Grávido*, deixa de ser jornalista ou de seguir os princípios básicos do fazer jornalístico. Em diferentes etapas do projeto didático ele fará uso de suas aptidões profissionais. Inclusive, pelo fato de a série abordar temas científicos, especificamente da área da saúde, o jornalista também praticará ações e esbarrará em problemas típicos dos jornalistas científicos. Entretanto, a meta de educar, foco de qualquer material didático, força o jornalista a adotar posturas diferentes das usualmente tomadas na realização de trabalhos jornalísticos de veiculação diária.

Com a análise do modo de produção do *Guia*, verificaram-se as questões, levantados pelos estudiosos do Jornalismo Científico, que eram pertinentes ao trabalho educativo, no campo científico: relacionamento entre jornalista e especialistas entrevistados; formação jornalística e científica do jornalista; decodificação do vocabulário técnico das fontes especializadas; precisão da informação, entre outros aspectos. Existem ainda as indagações dos pesquisadores do jornalismo que não têm ligação com a produção de materiais didáticos em ciência, por estarem associados especificamente à realidade dos jornalistas dos veículos de comunicação, presos aos ditames do jornalismo diário: falta de espaço para a ciência nos meios de comunicação; valorização da pesquisa estrangeira; pouco tempo dado ao jornalista para cobrir pautas de ciência e tecnologia.

Independente do caráter educativo ou não do produto elaborado pelo jornalista, o ponto de concordância mais importante entre todos os tipos de tarefas executadas por jornalistas (inclusive é uma conclusão comum a todos os autores pesquisados) é que cabe ao jornalista a missão de construir a ponte entre público especializado e público leigo. Por este motivo, o estudo de caso do *Guia*, enfatiza aqueles procedimentos adotados pela equipe de produção da série, que tinham como objetivo tornar compreensível o conteúdo transmitido pelos profissionais entrevistados, seja pelo fortalecimento do vínculo com as fontes, seja pela pesquisa aprofundada dos temas, entre outras práticas metodológicas

utilizadas na elaboração do material didático em vídeo. Estas observações também podem contribuir para a discussão de como o jornalista pode trabalhar em prol da popularização do conhecimento científico, sem comprometer a precisão dos conceitos. A pretensão do estudo de caso não é apontar soluções, mas colaborar com o debate sobre a participação dos jornalistas em projetos educativos em campos de estudo da ciência, como a saúde do ser humano.

Cabe ainda como justificativa de se estudar a produção de materiais educativos sobre ciências da saúde, o significado deste tipo de trabalho no processo de desenvolvimento social de um país. A socialização da informação é fundamental para uma nação alcançar autonomia perante o resto do mundo. No contexto social brasileiro, os pesquisadores sofrem com falta de recursos, de divulgação e de estrutura para a pesquisa. Na população, de forma geral, os indivíduos padecem de um analfabetismo científico e tecnológico, reflexo também da educação formal deficitária. No Jornalismo, especificamente nos meios de comunicação habituais, é escasso o espaço para o jornalista desenvolver projetos educativos em ciência ou simplesmente trabalhar com jornalismo científico. O que resta como opção são trabalhos fora dos meios de comunicação de massa, em projetos independentes, firmando parcerias com instituições ou grupos de trabalho, como a parceria firmada com a equipe de profissionais do *Grupo de Gestantes* do HU para a realização do *Guia*.

O tão sonhado desenvolvimento científico e tecnológico de um país, assim como sua independência científica e tecnológica, só se torna real, portanto, quando são atingidas metas como a valorização da ciência produzida no país; a popularização dos saberes científicos; a promoção da educação continuada em Ciência e Tecnologia; a garantia aos cidadãos dos direitos à informação e à liberdade de escolha; a inclusão da população na sociedade da informação por meio da alfabetização científica e tecnológica; a melhoria dos recursos humanos e concretos das instituições de ensino, entre outras. Em algum lugar desse emaranhado de necessidades, atua o jornalista, desde sua participação

no jornalismo diário até seu envolvimento com a difusão científica em outras modalidades comunicativas.

2 METODOLOGIA

Para a realização desta pesquisa, optou-se pelo estudo de caso de um material educativo em vídeo, dividido em quatro programas, intitulado *Guia do Casal Grávido*. Com o objetivo de analisar o trabalho do jornalista neste tipo de produto, sobre ciências da saúde, porém voltado ao público leigo, foram analisados os programas já editados, completamente finalizados. Além disso, para aprofundar a pesquisa, foram estudados o projeto, as pautas, os pré-roteiros, os roteiros, os relatórios, e todo o material bruto gravado para a produção da série em vídeo, que haviam sido arquivados pela produtora do Guia.

Na metodologia de trabalho, ainda foi incluída a pesquisa bibliográfica. O primeiro passo foi uma consulta à biblioteca da Ufsc e à Hemeroteca do Curso de Jornalismo, com a finalidade de encontrar livros e periódicos sobre o assunto. Na seqüência, foi realizada uma busca na internet, utilizando diferentes combinações com palavras-chave como jornalismo, ciência, científico, educativo, educação, comunicação e saúde. Nesta etapa da pesquisa, foram encontradas informações sobre instituições e pesquisadores do tema, além da produção científica na área.

Outro procedimento adotado foi o contato, por meio de entrevistas ou até mesmo conversas informais, com profissionais da comunicação e da saúde sobre o assunto, com os quais foram obtidos informações e materiais como impressos (livros, revistas, periódicos, artigos) e audiovisuais. Estes especialistas, dentro de suas áreas de atuação, também colaboraram com sugestões para este estudo.

Após toda a coleta de informação, foi possível confrontar e fazer um comparativo entre a teoria já levantada por outros pesquisadores, a prática dos profissionais da área e os métodos adotados na produção do Guia.

3 O CONTEXTO DO TRABALHO DO JORNALISTA COM AS CIÊNCIAS

Antes de entrar propriamente na análise da cada etapa de produção do *Guia do Casal Grávido*, serão abordados alguns tópicos sobre esta atuação do jornalista como participante do processo educativo científico da população, analisando em que contexto este tipo de trabalho está inserido.

3.1 O papel do jornalista

Em linhas bem gerais pode-se dizer que o jornalista é responsável por extrair a informação, de onde quer que ela se encontre, levando-a até os interessados por ela. Neste caminho entre fonte da informação e público-alvo, o jornalista processa a informação que será veiculada. É justamente neste procedimento de formatação da informação que o jornalista pode assumir diferentes responsabilidades ou desempenhar funções diversas. Segundo Cavalcanti (2005), os jornalistas que fazem divulgação científica "[...] num sentido restrito, são aqueles cujo trabalho é explicar ou traduzir o conhecimento científico ou assuntos a ele relacionados para um público que se encontra, a princípio, fora da comunidade científica".

Silva (2004) afirma que

[...] cientistas e jornalistas têm em comum a tarefa de, complementando o ensinamento das ciências em sala de aula, trabalhar para a democratização do conhecimento, fazendo dos saberes científicos acumulados bens compartilhados por todos. Além disso as descobertas científicas, e neste sentido também os estudos das Ciências Humanas, só se legitimam quando a sociedade se beneficia dos resultados, sejam novos entendimentos teóricos ou produtos tecnológicos.

No caso da informação científica, especificamente, a difusão científica é subdividida em duas macro-variações, segundo Bueno (apud AGUIRRE, 1989, p. 83): disseminação científica e divulgação científica. Para ele, a difusão científica é todo e qualquer processo utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas. A disseminação científica consiste na difusão feita em códigos especializados, ou seja, voltada ao público especialista, podendo variar entre a disseminação intrapares ou extrapares. Na primeira, a informação circula entre especialistas de uma mesma área ou de áreas conexas. Na segunda, a circulação da informação se dá entre especialistas de áreas diferentes, porém com interesses comuns. Entre os materiais produzidos, com a finalidade de disseminação da ciência, os mais comuns são os materiais técnicos, utilizados por profissionais ou estudantes da área abordada, como periódicos, revistas especializadas, apostilas, vídeos e manuais, geralmente veiculados em âmbito e eventos acadêmicos ou profissionais (universidades, cursos, congressos, sindicatos, associações, reuniões).

Bueno (apud AGUIRRE, 1989, p. 84) acrescenta que a divulgação científica é o tipo de difusão que compreende a utilização de recursos, técnicas e processos para a veiculação de informações científicas e tecnológicas ao público em geral. Segundo Bueno é nesta subdivisão da difusão científica que se encontra o Jornalismo Científico, entre outras especialidades. Como exemplos de produtos da divulgação científica ele cita jornais, revistas, livros didáticos, aulas de ciências, cursos de extensão para não especialistas, folhetos de campanhas educativas, revistas em quadrinhos, documentários, programas especiais de rádio e TV, entre outros.

Seguindo a classificação de Bueno, o *Guia do Casal Grávido* deve ser enquadrado como um material de divulgação científica, tal qual uma reportagem científica ou uma aula de biologia para uma turma da terceira série do ensino médio. Porém, a série em vídeo não pertence à

especialidade do Jornalismo Científico. Este trabalha com a notícia científica, divulgando os fatos atuais ocorridos no meio científico. Como ressalta Burkett (1990, p. 50) os critérios tradicionais que pautam o trabalho do jornalista científico geralmente são próprios do fazer jornalístico, como senso de oportunidade, timing, impacto, significado, pioneirismo, interesse humano (estes serão melhor explorados no capítulo da pré-produção). Bueno (apud FERREIRA, 1999, p. 84) também salienta que, diferente de um trabalho educativo, o jornalismo se norteia sempre pelos princípios básicos de universalidade, periodicidade, atualidade e difusão científica.

Lima (apud FERREIRA, 1999, p. 84) também chama a atenção para o compromisso do jornalismo com a factualidade, preocupação que não concerne com a produção de materiais científicos.

[...] o jornalismo serve ao propósito de informar e orientar sobre fatos da atualidade, mantendo um vínculo de contato periódico com a audiência, que é dispersa geográfica e socialmente, tratando de temas que dizem respeito aos mais variados campos do saber humano.

Para Melo (apud AGUIRRE, 1989, p. 84-85), o jornalista científico também tem o dever de participar do processo educativo da população, pois acredita-se que, de certa forma, as notícias também transmitem conhecimento aos cidadãos. No entanto, ele reforça a afirmação de que um material instrutivo, como o *Guia*, não deve ser visto como um produto do Jornalismo Científico. Segundo Melo, o que faz os materiais didáticos não se encaixarem na definição de Jornalismo Científico é exatamente a função educativa deles. Ele lembra que todo material educativo tem uma proposta persuasiva. "[...] destina-se a convencer os leitores a adotar novos conhecimentos e a aplicar novas descobertas" (MELO apud AGUIRRE, 1989, p. 85).

A persuasão, por si só, já é uma característica inaceitável em produtos jornalísticos,

tendo em vista que estes devem ser indiscutivelmente imparciais. Uma notícia não deve jamais ter como objetivo convencer as pessoas de alguma coisa, apresentar soluções prontas para os problemas ou incentivar a adoção de certas práticas em detrimento de outras. O jornalista no exercício do Jornalismo Científico tem a obrigação de mostrar todos os pontos de vista sobre um determinado tema para que as pessoas tirem suas próprias conclusões quanto ao assunto. Como acrescenta Melo (apud AGUIRRE, 1989, p. 84) o Jornalismo Científico "[...] é aquele setor dedicado aos fatos derivados do mundo da ciência".

Se um jornalista que participa de projetos educativos nas áreas das ciências não está cumprindo o papel de um jornalista científico, então que espécie de classificação caberia a este tipo de trabalho? Um conceito apontado por Aguirre (1989, p. 85) seria do Jornalismo Educativo Científico. Porém, esta categoria de jornalismo continua não servindo para classificar os materiais educativos de temas científicos, produzidos por jornalistas. O dito Jornalismo Educativo e Científico, abreviado por JEC, não deixa de ser um Jornalismo Científico incrementado, ou seja, é o Jornalismo Científico idealizado pelos pesquisadores da área: uma atividade educativa, dirigida à grande massa, promotora da popularização do conhecimento, dotada de uma linguagem acessível ao cidadão comum, despertando o interesse da população pela Ciência (MELO apud AGUIRRE, 1989, p. 84). Isso significa uma notícia mais contextualizada, não apenas jogando os fatos sem conectá-los ao dia-a-dia das pessoas.

Na avaliação de Melo, o material didático feito por jornalistas, sobre temas científicos, é um tipo de trabalho especializado de divulgação científica, não pertencendo nem ao Jornalismo Científico e nem ao JEC. O jornalista que desenvolve produtos de natureza didática está executando uma tarefa especializada, com características e regras próprias. O jornalista deixa de ser um mero intermediário da mensagem transmitida pela fonte, para produzir um material com poder persuasivo

sobre o público-alvo, convencendo as pessoas a seguir as recomendações dadas pelos especialistas. A função do *Guia* era o incentivo à prevenção de problemas de saúde no período gestacional e puerperal, para atingir tal meta com sucesso, o material tinha que persuadir as gestantes a seguir os conselhos oferecidos pelos profissionais da saúde.

Para Beltrán (apud AGUIRRE, 1989, p. 88) esta persuasão é válida em materiais com fins educativos e não chega a ser manipuladora, desde que não coloque as pessoas sob condições autoritárias. No caso do *Guia do Casal Grávido*, assim como em outros tipos de materiais educativos, os especialistas fazem seus alertas, mas isso não implica que as pessoas sejam forçadas a segui-los. Caso contrário, as campanhas anti-tabagismo já teriam acabado com o consumo de cigarros no planeta. Portanto, Beltrán afirma que a persuasão não precisa ser descartada dos produtos de comunicação, desde que respeite a dignidade humana e que não seja a única meta do material educativo.

Um questionamento que costuma surgir sobre o fato de um jornalista estar exercendo a função de educador é se esta incumbência não deveria ser exclusividade dos pedagogos e demais profissionais atuantes em instituições educacionais formais (escolas, universidades, etc). Para Acuña (apud AGUIRRE, 1989, p. 95) a educação não se restringe às atividades efetuadas nos centros de estudos. Ele ressalta que fatores, fenômenos e elementos do ambiente, no qual o indivíduo está inserido, também incidem sobre a sua formação e cognição.

Apesar das particularidades do trabalho do jornalista científico ou daquele que desenvolve trabalhos especializados, como os de caráter didático, existem algumas preocupações pertinentes a ambos, no que se refere ao tratamento da informação científica. O público não perde o direito de acesso a este tipo de informação, pois a garantia disso é que também vai assegurar um outro direito, que é a liberdade de escolha. Como o cidadão vai decidir se deve ou não fumar, sem

saber os verdadeiros efeitos do cigarro em seu organismo. Ou ainda, pegando como exemplo o tema gestação, da série em vídeo utilizada neste estudo de caso, como se opta entre parto normal ou cesáreo sem saber qual a diferença entre eles? No país estão sendo votadas leis sobre transgênicos, uso de células-tronco de embriões e até a legalização do aborto em casos de má formação fetal, mas a população não discute estas questões além do simples julgamento religioso ou moral, pois não tem conhecimento científico suficiente para analisar os temas.

Os cientistas realizam estudos que geralmente interferem na qualidade de vida das pessoas: alimentação, saúde física e mental, segurança, meio ambiente, trabalho, lazer, educação, política, cultura, economia, vida social. Há também o desenvolvimento tecnológico, com a criação de novos produtos, medicamentos, máquinas industriais, equipamentos de informática, eletrodomésticos, entre tantos outros. Em princípio, estas inovações têm a intenção de dar mais conforto a quem as utiliza. Porém, por trás de todas as pesquisas, movem-se interesses de mercado, pressões governamentais e institucionais, interesses pessoais e até vaidade dos pesquisadores. Por esta parcialidade da produção científica é que o jornalista deve estar atento para não popularizar informações equivocadas.

De qualquer forma, o poder de decisão sobre um assunto só é exercido quando se tem conhecimento sobre o mesmo. E é esta escolha que vai permitir ao cidadão que interfira no meio em que vive, exigindo seus direitos, cobrando das autoridades transparência e seriedade nas atividades, reivindicando especialmente o direito de não ser lesado. As decisões devem ser tomadas visando o bem comum e não o interesse de pequenos grupos. Questionar o trabalho dos cientistas, dos governos, das instituições e da própria mídia começa na pequena ponte que existe entre cientista e leigo: o jornalista.

Insistindo sobre os pontos em comum do trabalho do jornalista científico com aquele

que produz materiais instrutivos sobre ciência, é possível encontrar algumas características comuns aos dois, em definições sobre Jornalismo Científico destacadas por pesquisadores do assunto.

Hernando (apud RIBEIRO, 2001, p. 13) saliente, por exemplo, que o objetivo do jornalista científico deve ser ajudar a despertar nos dirigentes a consciência da importância da pesquisa em Ciência e Tecnologia, dando ênfase ao país de origem; e em segundo lugar manter o leitor médio (jornal, rádio, TV e revista) informado sobre os avanços científicos e tecnológicos, para desfazer o abismo entre pesquisadores e sociedade.

O mesmo autor ainda comenta sobre o papel do jornalista em levar o conhecimento científico, aos mais diversos setores da sociedade.

Uno de los servicios que la divulgación científica puede prestar es contribuir a la construcción de una sociedad científica, que sea consciente de lo que está ocurriendo en su propio seno, o al menos que se aproxime lo más posible a este conocimiento; que pueda tener una idea de hacia dónde vamos y cuál podría ser su grado y tipo de participación en su desarrollo. Cada uno de nosotros tiende a saber más sobre menos cosas, como consecuencia de la super-especialización. Pero parece necesario restablecer el equilibrio, porque una especialización llevada a sus últimas consecuencias podría llevar a nuestra especie al riesgo de extinción, según parecen enseñarnos la biología y la antropología. Y el equilibrio sólo podrán restablecerlo los generalistas, con la herramienta de las humanidades, y especialmente los educadores y los periodistas que acerquen los saberes de la minoría al conocimiento de sectores más amplios de la sociedad. (HERNANDO, 2005).

Em concordância com esta linha de pensamento, Caldas (2002) declara que

Na verdade, apesar das polêmicas e dos conflitos na relação entre cientista e jornalista, que vêm se arrastando há pelo menos duas décadas, é inegável que o profissional da comunicação exerce um papel fundamental na interface entre ciência e sociedade. Como agente mediador entre esses dois pólos, sua responsabilidade é ímpar na disseminação do conhecimento científico e tecnológico.

Para Bueno (apud COSME, 2001, p. 30) o jornalista científico deve ser

Um profissional que tenha compromisso com a maioria da população e que esteja interessado em torná-la participante do processo geral de tomada de decisões de caráter científico e tecnológico. Enfim, um elemento que execute a intermediação democrática entre o povo e os cientistas e que faça ver nos governantes, empresários e homens do saber que ciência e tecnologia não são apenas discursos e práticas de dominação, mas conhecimento e experiência que podem e devem funcionar como agentes de libertação.

Bueno (1988, p. 1) deixa claro que se espera de um jornalista científico que ele seja o profissional de compromisso com a maioria da população e esteja interessado em torná-la participante do processo geral de tomada de decisões de caráter científico e tecnológico. Embora o jornalista que trabalha com materiais educativos não esteja atuando sob as mesmas regras do jornalista científico, como já foi explicada anteriormente, esta responsabilidade de conscientização da população cabe também a este jornalista que participa de projetos didáticos, tendo em vista que seus produtos são persuasivos e voltados para a população em geral.

Para Abramczyc (1988, p. 15), Jornalismo Científico

[...] é a área do Jornalismo que se dedica à decodificação da ciência para o leitor. E é em função do jornalista, ao decodificar esta linguagem científica, torná-la acessível ao público em geral. É um pequeno grande mundo, que se dirige às pessoas dos 8 aos 80 anos de idade, desde os possuidores do mais raso conhecimento cultural ao mais raro dos espíritos cultos.

Oliveira (2002, p. 43) também expõe seu conceito sobre Jornalismo Científico

O casamento maior da ciência e do jornalismo se realiza quando a primeira, que busca conhecer a realidade por meio do entendimento da natureza das coisas, encontra no segundo fiel tradutor, isto é, o jornalismo que usa a informação científica para interpretar o conhecimento da realidade.

3.2 Valorização da produção científica nacional

A maior parte da informação sobre Ciência, veiculada na mídia brasileira, vêm de institutos de pesquisa estrangeiros, principalmente dos Estados Unidos e dos países europeus, com menor frequência. Os periódicos especializados internacionais e também as revistas mais bem conceituadas sobre Ciência do mundo, pouco trazem das pesquisas desenvolvidas no Brasil. Porém, divulga-se esporadicamente que o País é referência em campos como genética, cardiologia e cirurgia plástica. Wilson da Costa Bueno é um defensor obstinado de que os jornalistas precisam valorizar as fontes de pesquisas do Brasil e não apenas reproduzir os materiais fornecidos pelas agências noticiosas.

Levar à população informações obtidas diretamente com especialistas nacionais, indiferentemente se o material será educativo ou não, faz parte do processo de independência científico-tecnológico da nação. À medida que se abre espaço na mídia para o pesquisador brasileiro falar, ele poderá mostrar os pontos positivos e negativos da pesquisa nacional.

Do aspecto negativo, os pesquisadores teriam como denunciar condições precárias de trabalho; sucateamento de laboratórios, institutos de pesquisa e universidades; falta de recursos para concluir os estudos; enfim, as barreiras que impedem o trabalho adequado dos profissionais e estudantes que se dedicam à pesquisa científica. Apenas com a população tomando conhecimento dos problemas é que será possível reivindicar melhorias e investimentos no setor.

O lado positivo do contato do pesquisador com a população é a própria conscientização das pessoas sobre a produção científica nacional. A população só será favorável à pesquisa quando estiver plenamente consciente da importância dos estudos para a melhoria de qualidade de vida de um país, assim como da necessidade de livrar da dependência científica e tecnológica dos Estados Unidos e de alguns países europeus. O entendimento dos valores e do uso dos recursos investidos nas

universidades é outro ponto que deve ser esclarecido ao cidadão.

Melo (apud COSME, 2001, p. 61) lamenta que o jornalismo é ainda um instrumento de transferência tecnológica, privilegiando o saber produzido nos países desenvolvidos. Ele acusa os jornalistas que abordam temas científicos como responsáveis pela manutenção de poder dos cientistas que já tem destaque.

Nas entrevistas que Cosme (2001, p. 75) realizou com jornalistas com o objetivo de colher deles o motivo que leva o jornalismo brasileiro priorizar a divulgação de pesquisas estrangeiras, cada entrevistado deu sua versão. Marcelo Leite, editor de ciência da Folha de São Paulo (FSP), disse que seleciona pesquisas de publicações como Nature e Science, por serem publicações conceituadas, divulgadoras das melhores pesquisas do mundo. Ele ainda acusa os cientistas nacionais de terem receio de divulgação, desconfiança e medo de serem mal interpretados, enquanto os de outros países percebem a importância de levar suas pesquisas a público.

3.3 Os problemas continuam os mesmos

A maioria das dificuldades dos jornalistas que trabalham com ciência, apontadas já nos primeiros estudos sobre o assunto, persistem até hoje. Algumas melhorias foram relatadas pelos pesquisadores do tema, mas ainda está muito longe do ideal de democratização do conhecimento científico defendida por José Reis.

Um dos problemas que persiste ao longo dos anos é que, apesar do desenvolvimento tecnológico e das recentes descobertas científicas, os jornalistas permanecem analisando a ciência sem um ponto de vista crítica, havendo também pouca participação popular no âmbito científico, como observa Cosme (2001)

Nos jornais, nas revistas, nas emissoras de rádio ou de televisão surgem freqüentemente novos espaços para a divulgação dos avanços da ciência e tecnologia. O que ocorre é que esses espaços não são ocupados de uma forma crítica e analítica. Limitam-se, apenas, a reproduzir o produto, sem sequer mostrar seu processo com os erros e acertos que fazem parte de qualquer pesquisa. Este comportamento termina por produzir uma visão mítica da ciência.

Dando continuidade à sua linha de raciocínio, a autora acrescenta que

Apesar dos avanços tecnológicos e científicos alcançados neste final de século e das novas descobertas que estão se delineando nos mais diferentes campos, o homem continua conhecendo quase nada de si mesmo, do mundo em que vive e dos efeitos dessas conquistas nas mais diversas áreas para a sua vida cotidiana. Não tem controle alguma das mudanças que se sucedem, porque não as entende. Não participa e nem fica informado sequer do percurso da produção da ciência. Não tendo consciência dessas transformações não pode participar, influenciar as políticas científicas. Fica, portanto, sofrendo seus efeitos, sem sequer saber de onde eles vêm. (COSME, 2001).

Vogt (et al., 2001, p. 78), aponta um outro problema que persiste na pesquisa do jornalismo voltado à Ciência. No Brasil, a produção e pesquisa nessa área são feitas em diferentes

abordagens, não há um ponto comum de referência do qual partam todos os pesquisadores. Apesar das diferenças, ele chama a atenção para o fato de que todos os estudos apontam um conjunto de questões comuns: sensacionalismo como influência na cobertura; hermetismo da linguagem científica, espaço restrito ocupado nos meios de comunicação; caráter denunciante das reportagens e dependência de fontes oficiais. Como tentativa para solucionar tais problemas, o autor defende que o jornalista assuma uma função de educador, preocupando-se com a popularização do conhecimento.

O autor também acredita que as pesquisas sobre Jornalismo Científico e temas afins insistem em não aliar prática e teoria.

Pois, se é verdade que o conhecimento teórico é importante para qualificar a prática, o contrário também deve ser considerado, uma vez que da relação dialética entre esses dois níveis de produção (teórico e prático) podem surgir novos complementos. Atentos a esta perspectiva, diríamos que se verifica, atualmente, uma defasagem na relação teoria e prática do jornalismo científico à medida que o conhecimento teórico deixa de extrair do conhecimento prático o oxigênio capaz de revigorá-lo. Além disso, nunca é demais lembrar que o conhecimento científico que não se propõe à aplicabilidade prático-social torna-se inócuo. (VOGT et al., 2001, p. 88).

3.4 Jornalistas em um novo campo de atuação

Mesmo depois de sair da escola ou universidade, as pessoas continuam em processo de aprendizagem constante. Freire (apud SOARES, 2000, p. 19) afirma que isso acontece porque o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal, portanto não está apenas no mundo, mas sim com o mundo. É esta interação do ser humano com o mundo que gera a assimilação de novos conhecimentos. Nesse contexto, segundo o autor, a comunicação é vista como um componente do processo educativo. Seguindo esta lógica, o jornalista, como agente da comunicação, também exerce o papel de educador, mesmo não tendo formação pedagógica.

Para Freire (apud SOARES, 2000, p. 19) a comunicação deixa de ser uma ferramenta a

serviço da educação, porque a própria comunicação do homem com o meio resulta em aprendizagem. Ele defende que o próprio agir estabelece uma relação estratégica entre Comunicação e Educação que afasta a ótica puramente instrumental da tecnologia comunicativa e informativa.

Com base nesse aspecto, sugere-se um novo campo de intervenção social, chamado Educomunicação, uma "inter-relação comunicação/ educação" (SOARES, 2000, p. 21). "Sob esta perspectiva, a comunicação passa a ser vista como relação, como modo dialógico de interação do agir educacional." (SOARES, 2000, p. 19-20). De acordo com Freire (apud SOARES, 2000, p. 20), não é possível compreender o pensamento fora de sua dupla função: a cognitiva e a comunicativa.

Este campo educacional é chamado por Kaplún (apud SOARES, 2000, p. 20) de Comunicação Educativa, que existe para dar à educação métodos e procedimentos para formar a competência comunicativa do educando.

Não se trata, pois, de educar usando o instrumento da comunicação, mas que a própria comunicação se converta no eixo vertebrador dos processos educativos: educar pela comunicação e não para a comunicação. Dentro desta perspectiva da comunicação educativa como relação e não como objeto, os meios são ressitoados a partir de um projeto pedagógico mais amplo. (SOARES, 2000, p. 20).

Para Bergomas (1999, p. 55) educar é comunicar e vice-versa, isso significa que tanto comunicadores, neste grupo incluem-se os jornalistas, quanto pedagogos (professores, pedagogos, entre outros) poderiam aperfeiçoar a produção de materiais educativos, por meio da inter-relação comunicação/ educação, trocando informações e valendo-se das tecnologias disponíveis para ambos.

Consideramos, por exemplo, que seria muito importante obter uma ressignificação da relação educativa com vistas fundamentalmente às características da interação dos sujeitos com as tecnologias da comunicação e da informação, potencializando o que estas podem nos oferecer para reforçar e enriquecer a comunicação educativa. (BERGOMAS, 1999, p. 58).

Bergomas destaca que a difusão de relações entre comunicação e educação exige ainda

um estudo aprofundado tanto por parte dos teóricos da comunicação quanto por parte dos teóricos da educação, tendo em vista que ainda não é um objeto constituído. No entanto, ela enxerga esta inter-relação comunicação/ educação como uma meta a ser atingida, uma necessidade, em função dos benefícios que proporciona.

Creemos que é necessário buscar a identidade de um especialista em comunicação-educação que esteja em condições de orientar ações e produções, que conheça as distintas linguagens para poder interpretar, avaliar e produzir documentos multimidiáticos, somando a isto uma profunda análise das transformações cognitivas que o manejo das distintas linguagens implica e a possibilidade de potencializar o processo de ensino-aprendizagem a partir de sua utilização. (BERGOMAS, 1999, p. 58).

Quando não existe este entrosamento da educação com a comunicação, a autora avalia que o produto educativo perde em qualidade.

Geralmente nos aspectos relativos à produção de materiais educativos em distintos suportes, se carece de equipes de trabalho capazes de processar a informação e traduzi-la para os meios mais adequados. Não se encontra equilíbrio entre o pedagógico e o comunicacional. As produções tendem a se estabelecer a partir da reprodução da situação educativa tradicional. (BERGOMAS, 1999, p. 58).

Ainda sobre o desenvolvimento de projetos educativos, Bergomas (1999, p. 58) ressalta

Em nosso mundo as formas de comunicação são cada vez mais diversas e perfectíveis. A partir da educação se devem favorecer os estilos mais diversos de vínculo e de proposta didática, de acordo com as necessidades que os propósitos educativos estabeleçam. Nesta perspectiva, cremos ser fundamental que, na formação das equipes responsáveis por implementar ações educativas, se priorize o estudo das derivações cognitivas no ensino, as distintas formas de acesso ao conhecimento, assim como o manejo da pluralidade de linguagem com as quais hoje nos podemos comunicar.

Barbero (1999, p. 77) também concorda com a idéia que educomunicação é um campo teórico próprio, ainda a ser constituído.

É um campo novo, porque é um campo que apresenta um horizonte fundamental, são os novos modos de produção do conhecimento. Até agora, vimos a comunicação como a que veicula, que faz circular, que reproduz. Pois bem, a partir do computador já não é mais isso. Daí o computador começa a ligar-se com a TV, com o vídeo, etc, esses são os novos modos de produção do conhecimento. Não apenas novos modos de armazenar, mas sim de produzir.

Sobre a comunicação educativa, Barbero diz ainda que

[...] estamos entendendo que nem a comunicação nem a educação são mera reprodução ideológica. Ali existe criação e produção social. Há produção social de saber, de prazer. Aqui há um campo de produção novo. Que é, ao mesmo tempo, espírito de produção de conhecimento, de produção, estética, etc. (BARBERO, 1999, p. 77)

Além do processo natural de cognição contínua do indivíduo resultante de sua relação com o meio, defendido por Freire, é válido observar que o mundo vem passando por transformações cada vez mais profundas, em intervalos de tempo cada vez menores. Para usufruir, ou pelo menos compreender, as maravilhas da sociedade contemporânea, principalmente no campo tecnológico e científico, as pessoas precisam atualizar o conhecimento no mesmo ritmo frenético em que as mudanças transcorrem. Quem está fora da escola, encontra como alternativa a informação passada por meio da divulgação científica e tecnológica.

Uma outra corrente teórica vê o jornalista como ferramenta do que chamam de Educação Permanente. Freire (apud AGUIRRE, 1989, p. 101) considera um erro utilizar a expressão Educação Permanente, porque julga ser uma distorção e uma redundância associar o adjetivo permanente ao substantivo educação. Ele afirma que

[...] a educação é permanente, I) na medida mesma em que os seres humanos, enquanto seres históricos, e com o mundo, são seres inacabados e conscientes de seu inacabamento, II) na medida em que se movem em uma realidade igualmente inacabada. Numa realidade contraditória e dinâmica, realidade que não é, pois, que para ser tem que estar sendo. (FREIRE apud AGUIRRE, 1989, p. 101).

Segundo Freire, os teóricos da Educação Permanente estão retirando do educando a sua própria qualidade de permanência. Mesmo concordando com Freire, é impossível falar do papel do jornalista como educador sem citar, mesmo que superficialmente, os conceitos da Educação Permanente, defendidos por um grupo significativo de pesquisadores de jornalismo. Portanto, voltando à questão da participação da divulgação científica no processo de educação da população, é importante esclarecer que esta difusão da informação, tanto pode se processar pelo Jornalismo Científico, quanto por outras formas de divulgação, tal e quais os materiais educativos muitas vezes também elaborados por jornalistas, como o *Guia do Casal Grávido*.

Para Burkett, o jornalista científico também participa do processo de educação informal da população, embora por meio de notícias científicas e não com a produção de materiais educativos (com objetivos explicitamente persuasivos).

A redação científica educa, em vários níveis, adultos cuja educação formal termina no segundo grau ou na faculdade. A redação científica ajuda a educar crianças sobre o mundo natural que as cerca além de seu ambiente imediato, além de suas salas de aula, além de sua limitada experiência. (BURKETT, 1990, p.6)

Para Ribeiro (2001, p. 14) o Jornalismo Científico tem a capacidade de “despertar e orientar a vocação científica nos jovens, ajudar a levar cabeças para os laboratórios”.

Caldas (2002) cita a participação do jornalista científico em programas de educação ambiental.

Uma das peças-chaves para a conscientização social da necessidade na preservação do meio Ambiente é a Educação Ambiental. Sua importância já foi reconhecida pelas autoridades educacionais que implantaram disciplina com o mesmo nome nos currículos escolares. A Educação Ambiental virou até mesmo peça de marketing de empresas aflitas por melhorar sua imagem junto à opinião pública. É preciso, porém, tomar cuidado com esses modismos e verificar até que ponto a retórica transforma-se em ações concretas. O exercício da cidadania ambiental só pode ser efetivado aqui em Campo Grande, no Pantanal,

no resto do Brasil, se houver uma ação conjunta de cientistas e jornalistas atuando em sintonia com a sociedade brasileira.

Vogt (et al., 2001, p. 87) reforça a afirmação de que o Jornalismo Científico tem o papel de informar e formar o público, que geralmente é tratado como receptor passivo da informação. Para ele, deve haver uma maior preocupação com a função educativa do Jornalismo Científico.

Segundo Moura (1991, p. 75), deve se aproveitar o potencial do Jornalismo Científico de democratizar o saber teórico e prático, como ferramenta da educação permanente, por meio da imprensa, do rádio, da TV e até do cinema. Para o autor, este tipo de envolvimento dos jornalistas se faz necessário por causa da realidade educacional de nosso país: altos índices de evasão escolar devido à marginalização do sistema de ensino formal.

Aguirre (1991, p. 87) defende a inclusão da disciplina de Jornalismo Científico nos currículos de todos os cursos de graduação em jornalismo, por ser uma especialidade que serve de instrumento da Educação Permanente, na luta contra o subdesenvolvimento e na consolidação de uma sociedade pós-industrial não dependente dos países centrais.

A necessidade de desenvolver programas de educação unindo cientistas, intelectuais e jornalistas é uma sugestão dada por Salvatierra (1991, p. 101) com a finalidade de atender as necessidades da sociedade atual em constante mudança. Ela acredita que desta forma todos poderão compreender o papel da Ciência e Tecnologia. Ela idealiza

[...] um jornalismo mais crítico, menos centralizado na divulgação da produção científica dos países do primeiro mundo, mais educativo e voltado para a Ciência e Tecnologia que se identifiquem com as necessidades sociais e econômicas do país. (SALVATIERRA, 1991, p. 101)

Para Aguirre (1989, p. 3) um dos teóricos do Jornalismo Educativo Científico (JEC), os jornalistas deveriam se especializar em educação, ciência e tecnologia, para cumprirem seu papel

no fenômeno da Educação Permanente. Ele também destaca que o JEC faz parte de uma educação informal, paralela à formal, que seria a educação dada na escola (AGUIRRE, 1989, p. 83).

O principal ponto comum entre estudiosos da Educação Permanente e educadores é que informação e educação estão cada vez mais próximas. Segundo Kleen (apud AGUIRRE, p. 116) isto se deve à natureza informal dos processos educativos e da aprendizagem efetiva e cognitiva dos sistemas de comunicação. Portanto, ele lembra que o processo educativo não é unilateral e nem arbitrário, existe a comunicação, logo o educando não é um receptor passivo.

3.5 Democratização da ciência e desenvolvimento social

A democratização do conhecimento científico é uma dos requisitos básicos ao processo de desenvolvimento social, econômico, político, científico e tecnológico de um país. Esta democratização passa pela garantia ao direito de acesso à ciência, para que esta não seja prioridade de uma elite que entende a linguagem científica.

Ao escolher escrever para publicações populares e não para as técnicas, você terá um papel a desempenhar no engajamento de seus concidadãos num debate de grande importância para uma sociedade democrática. (BURKETT, 1990, p. 1).

Segundo Ferreira (1999, p. 81)

As matérias de ciência têm um papel social de grande importância, principalmente em um país como o Brasil, marcado por diferenças sociais que relegam grande parcela da população à pobreza quase que absoluta. As informações de uma boa matéria de divulgação científica têm o poder, por exemplo, de reduzir a mortalidade infantil, resgatar direitos, prestar esclarecimentos sobre eles e levar a população a ter acesso ao conhecimento científico que se produz no Brasil e no mundo.

Para Caldas (2002) é função do jornalista científico a busca pela democratização do conhecimento científico, sendo esta um direito do cidadão.

A relação entre Ciência, Mídia e Sociedade passa, necessariamente, pela cidadania. A democratização do conhecimento é um pressuposto básico do exercício pleno deste direito constitucional. Neste final de século e virada de milênio, o acelerado desenvolvimento científico e tecnológico e seu impacto social é inquestionável. Como fazer, no entanto, para que C&T e qualidade de vida caminhem juntos? Como enfrentar o desafio de um desenvolvimento sustentável?

Dubos (apud COSME, 2001), já mostrava a importância do jornalismo científico no processo de democratização do saber.

Já é chegado o tempo, quando devemos produzir, ao lado dos especialistas, outra classe de estudiosos e de cidadãos que tenham ampla familiaridade com os fatos, os métodos e os objetivos da ciência e, assim, sejam capazes de fazer julgamentos a respeito das Políticas Científicas. As pessoas que trabalham na interface entre Ciência e Sociedade tornam-se essenciais, simplesmente porque quase tudo o que acontece na sociedade é influenciado pela ciência.

Santos (apud COSME, 2001) destaca que na pior das hipóteses, o conhecimento científico transforma o senso comum em auto-conhecimento.

O conhecimento vulgar e prático com que no cotidiano orientamos nossas ações e damos sentido à nossa vida. A ciência moderna construiu-se contra o senso comum, que considerou superficial, ilusório e falso. A ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum para reconhecer nesta forma de conhecimento algumas virtualidades para enriquecer a nossa relação com o mundo.

Sparremberger (apud COSME, 2001, p. 30) considera que a participação do jornalismo na democratização do conhecimento eleva o nível cultural, científico e educativo de uma nação.

O uso da divulgação científica para a construção da cidadania é um dos pontos reforçados

também por Cosme (2001, p. 100). Porém a autora relatou que falta aos jornalistas esta conscientização. Ela destaca que o Jornalismo Científico

[...] além de informar, ele permite a ampliação do processo de construção da cidadania. No entanto, nas entrevistas realizadas, a consciência desse papel não transpareceu de modo muito claro. Como negar, porém, que a informação científica confere ao cidadão a ampliação das escolhas pessoais, ou seja, dá a quem tiver acesso a essa informação, uma possibilidade de ter (algum) controle sobre as decisões tomadas no seu cotidiano.

Sobre a democratização do conhecimento científico Martinho (1991, p. 9) tem a acrescentar que não se deve tratar a informação científica como simples oportunidade de mercado. Para democratizar o saber científico é preciso mostrar a ética, as prioridades da pesquisa, a legitimidade social e também a destinação dos recursos, enfim, relatar todo o processo de produção científica.

Volta-se, então, aos porquês da necessidade desta conscientização da população sobre o que é a ciência, ou seja, ao desenvolvimento e independência científico-tecnológicos e sócio-econômicos de um país. Alguns autores analisam que estamos vivendo na Sociedade da Informação, diferente da era pós-industrial vivida até a explosão evolutiva dos meios de comunicação.

Segundo Martinez (1988, p. 37), na sociedade em que vivemos, atualmente, quem domina a informação detém o poder. Ele usou o exemplo do Brasil, que conseguiu produzir microcomputadores, apesar de uma tecnologia mais modesta que a de países desenvolvidos como Estados Unidos e Japão. Ele destaca que um país com domínio da informação de uma tecnologia, consegue a sua independência.

Sobre a independência científica e tecnológica, Sapper (1988, p. 45) observa que

Levando-se em consideração a importância para o desenvolvimento das nações que representa uma adequada divulgação, que os jornalistas científicos desenvolvem campanhas a sensibilizar os poderes públicos e a sociedade para a) repelir qualquer tecnologia absoluta

e eleger aquela que se considere mais adequada; b) adaptar a tecnologia aos seus interesses e preferências; c) explorar em seu benefício em qualquer forma, métodos e áreas do resultado do seu trabalho; d) dispor absolutamente desta tecnologia sem controle por parte do cedente ou de seu ponto de origem.

Cosme (2001, p.47) também está de acordo com a utilidade do Jornalismo Científico no processo de desenvolvimento de uma sociedade, principalmente em uma economia periférica como é a do Brasil. Segundo ela, os baixos índices educacionais e até o analfabetismo impedem que o indivíduo tenha “compreensão de seu papel numa sociedade moderna e tecnológica, na qual as escolhas são exigências diárias e devem ser tomadas baseadas no conhecimento que é, muitas vezes, proporcionado pelo jornalismo científico”. Outro papel importante do Jornalismo Científico enfatizado por Cosme é divulgar o funcionamento das novas tecnologias, não só avanços e resultados.

Na questão da participação do Jornalismo Científico no desenvolvimento econômico Lyra (1991, p. 3) lista duas tendências: 1) responder ao desdobramento da crise política e econômica; 2) acompanhar a evolução do jornalismo mundial. Ele comenta que no Brasil se tem mais informação de economia que na Europa, porém o leitor continua mal informado, porque as informações veiculadas são técnicas, voltadas apenas para banqueiros e especuladores.

Quem defende uma política de comunicação científica pública é Hernando (1991, p. 99). Ele explica que a difusão massiva do conhecimento científico é tão importante para qualquer sociedade que deveria se institucionalizar, ou seja, deveria se realizar um projeto em parceria com cientistas, educadores, comunicadores, meios informativos, em busca de instrumentos para construir um sistema de comunicação científica pública. Para o pesquisador, o desafio do terceiro milênio é esta parceria entre ciência, comunicação e educação, em busca do desenvolvimento e dependência dos países.

Smith (apud AGUIRRE, 1989, p. 20), fundador da escola clássica em 1776, já associava a educação com o desenvolvimento econômico. Para ele quanto maior a educação, mais qualidade da força de trabalho, pois pessoas com nível educacional maior executam suas tarefas com melhor

desempenho e com menos supervisão, gerado mais produtividade. Na atualidade, cada vez se exige melhor capacitação profissional para se contratar um funcionário para uma empresa. Desde conhecimento em informática, até idiomas, refletem a realidade da tal sociedade pós-industrial, que valoriza a informação e força o indivíduo a estar em constante aprimoramento.

Massuda (apud AGUIRRE, 1989) define a sociedade pós industrial (ou da informação) com as seguintes características: 1) centralidade do conhecimento teórico (pesquisa básica); 2) criação tecnológico-intelectual; 3) sociedade dos serviços, valorização do quarto setor e da informação (escolas, mídia, editoras, consultorias, bancos de dados); 4) ampliação da classe de técnicos e profissionais; 5) mudança no trabalho: na pré-indústria era o jogo do homem contra a natureza (extrativismo); na era industrial dava-se ênfase às máquinas; na pós-industrial valoriza-se o trabalho humano.

Deste modo, concebe-se a oposição permanente entre médico e paciente, professor aluno, burocrata e cliente, ou nas formas de competição e conflito existentes ao interior das organizações tais como corporação de pesquisa ou grupos de serviço. (AGUIRRE, 1989, p. 40).

O conceito de sociedade da informação de Massuda explica que é uma sociedade de produção de valores informacionais e não materiais. Na sociedade industrial o símbolo social era a fábrica, na pós-industrial, é o computador, o banco de dados. A estrutura econômica era baseada em bens, comercialização, divisão de trabalho, produção e consumo, com separação da empresa e consumidor; na da informação existe uma produção sinérgica, com utilização compartilhada, todos agem para a solução de problemas comuns. O sujeito mais importante era a empresa, passou a ser a comunidade voluntária. O objetivo da sociedade industrial era o bem estar, atualmente é a satisfação, preocupação com vida digna e mais possibilidades de futuro. O sistema político da sociedade industrial era parlamentar, na da informação pratica-se a democracia participativa, ao passo que os movimentos

sindicais deram lugar aos movimentos participativos.

Para Aguirre, (1989, p. 49) é tarefa do jornalista, informar a população de todas estas mudanças. Além disso, encoraja o movimento participativo entre comunicadores, educadores e pesquisadores, acreditando que a Comunicação, a Educação, a Ciência e a Tecnologia são as estruturas chave da formação básica das pessoas na sociedade do presente e, mais ainda no futuro. Deste modo, analisa que o homem, como emissor e receptor no processo de comunicação, enquanto sujeito ativo no processo ensino-aprendizagem, vivendo em uma sociedade cada vez mais científica e tecnológica, precisa ter os elementos necessários para compreendê-la e atuar nela. O conhecimento não deve estar em poder de poucos, mas à disposição de todos, com a ajuda de comunicadores e educadores.

3.6 Formação do jornalista

Ao expor o contexto em que está inserido o jornalista que lida com informação científica, seja em trabalhos educativos ou simplesmente jornalísticos, não se pode deixar de fora a questão da formação do jornalista. Como salientam alguns autores, o conhecimento prévio do jornalista sobre os assuntos científicos está diretamente relacionado à sua formação educacional. Quando esta é precária, acaba prejudicando o processo de popularização da ciência.

Para Dominguez (apud COSME, 2001, p. 50) os jornalistas têm formação deficiente, principalmente na área científica. Esta carência faz com que estes profissionais se apóiem nas notícias divulgadas por agências estrangeiras.

Burket aponta ainda para a falta de especialização dos jornalistas em ciência no jornalismo diário. Um levantamento feito pela Associação Norte-americana de Redatores de Ciência

(National Association Science Writers - NASW), registra que apenas 10% dos associados trabalhavam em jornais diários (BURKETT, 1990, p. 43):

A maioria dos jornais pequenos consegue suas notícias científicas através de repórteres de assuntos gerais, dos serviços telegráficos ou redatores de informação pública empregados por centros médicos e científicos do lugar. Muitos jornalistas científicos começaram suas carreiras cobrindo notícias médicas e científicas locais e transformaram esse interesse numa especialidade.

O autor explica que não se exige uma formação especializada na cobertura jornalística científica porque a primeira emenda da constituição norte-americana garante a liberdade de imprensa.

Como tem sido registrado através de sua história, os redatores de ciência vêm de todas as partes e formações educacionais. Não existe um programa de treinamento reconhecido ou exigências para o licenciamento desses profissionais. (BURKETT, 1990, p. 44).

Para Burkett (1990, p.45) é fundamental para o jornalista que trabalha com matérias científicas ter uma boa educação e de preferência passar por um treinamento educacional em ciência.

O autor cita algumas iniciativas de cursos direcionados à formação dos escritores de ciência.

A Columbia University persuadiu as fundações Sloan e Rockefeller a financiarem programas de treinamento científico para jornalistas em meio de carreira com experiência em reportagem sobre ciência básica. O programa Nieman Fellow, da Harvard, que encoraja o estudo das ciências, deu corpo a este projeto. Nos anos 1960, outras universidades iniciaram cursos ou programas de reportagem especializada em ciência, meio ambiente e energia, enfatizando os aspectos formais técnicos, econômicos, sociais e históricos da ciência. O MIT oferece treinamento de meio de carreira para um grupo selecionado de candidatos a escritores de ciência. Assim, os escritores de ciência incluem hoje um grande número de pessoas com mais treinamento formal sobre ciência científica em seu passado, incluindo mais habilidade de avaliar criticamente as provas estatísticas e outras evidências que os cientistas oferecem para suas descobertas. (BURKETT, 1990, p.46-47).

Quem compartilha da opinião que jornalistas devem ter uma formação específica com relação ao tipo de trabalho que desenvolvem é Capozoli (2002). “Jornalistas devem repensar sua formação”.

Outros exemplos de cursos de especialização para jornalistas interessados em cobrir ciência também são citados por Macedo (2001, p. 40)

Na Europa, instituições tradicionais, como a Universidade de Salamanca (Espanha), aliam-se a iniciativas recentes da União Européia para incentivar a pós-graduação em jornalismo científico. É o caso do Programa Alfa-Cuco, em cujo âmbito foram criadas bolsas de estudo para estudantes latino-americanos, além de europeus, freqüentarem o Master em Comunicação Científica e Tecnológica, oferecido regularmente pela Universidade. Ainda na Espanha, pode-se citar a atividade permanente do Observatório de Comunicação Científica, da Universidade Pompeu Fabra, que publica uma revista de excelente nível (Quark) sobre Ciência, Medicina, Comunicação e Cultura.

No Brasil, segundo a autora, os cursos de especialização são relativamente recentes.

Macedo (2001, p. 40) citou o curso de extensão em Jornalismo Científico, ministrado por Manuel Calvo Hernando em 1972, na ECA-USP. Em 1978, criou-se a linha de pesquisa Comunicação Científica e Tecnológica, no programa de pós-graduação da Umesp, chegando ao doutorado em 1995. A autora lembrou também, que em 1982 a Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) abriu um curso de especialização por tutoria à distância, no qual 30 alunos recebiam textos por módulos (MACEDO, 2001, p. 41). No ano de 1988, o núcleo de Política Científica e Tecnológica da Universidade de Brasília (UnB), junto com Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), abriu-se o 1º Curso de Especialização em Divulgação Científica, com duração de um semestre. Em 1999 laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo (Labjor), da Unicamp, criou a especialização em Jornalismo Científico para jornalistas e pesquisadores (três semestres com oficinas e aulas). Ainda sobre cursos de pós-graduação, duas experiências da Universidade Federal do Rio de Janeiro foram destacadas por Macedo. Uma foi na Escola de Comunicação, a linha de pesquisa *Informação, ciência e sociedade*, na área de concentração Ciências da Informação, nível de mestrado. A segunda (MACEDO, 2001, p. 42) foi a criação em 1995, da área de concentração *Educação, difusão e gestão em Biociências*, no Departamento de Bioquímica Médica do Instituto de Ciências Biomédicas.

Outra evolução salientada por Macedo, foi a introdução da disciplina de Jornalismo Científico nos currículos de graduação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), USP, Universidade Metodista de São Paulo (Umesp), Universidade de Mogi das Cruzes (UMC), Universidade do Vale do Paraíba (Univap), Universidade Santa Cecília (Unisanta). Na UFPE, existe o informativo mensal por correio eletrônico sobre a produção científica da universidade e um grupo de trabalho em Comunicação e Ciência do Intercom. Na Eca/USP, o núcleo José Reis de Divulgação Científica tem cursos e agência universitária de notícias, que realiza atividades de divulgação. De 1981 a 1982, funcionou na Umesp a Agência Brasil de DC (ABDC), com mestrados em Comunicação Científica e Tecnológica produzindo matérias de divulgação científica para a mídia. A Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) oferece cursos de curta duração para jornalistas, como o promovido em meados dos anos 90, sobre Biologia Molecular. Em 1997, o Labjor (Unicamp) promoveu uma oficina on-line de jornalismo científico.

As várias experiências aqui descritas mostram que os cursos de divulgação científica, embora ainda sejam poucos, estão proliferando em vários cantos do país. A criação recente do programa José Reis de Bolsas de Incentivo ao Jornalismo Científico da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de S. Paulo (Fapesp) é um indicativo de que o investimento na formação de jornalistas especializados em ciência começa a ser encarado de forma mais sistemática, fortalecendo a possibilidade de que os programas sejam mais duradouros. O crescimento dos cursos e do incentivo à divulgação científica pode ser creditado, em parte, à necessidade de se buscar respaldo na opinião pública e conquistar novos investimentos para a pesquisa. Mas abre também a perspectiva de melhoria da qualidade da divulgação científica e, conseqüentemente, da cultura científica dos leitores. (MACEDO, 2001, p. 43).

Caldas (2002) observa que a eficácia da comunicação científica depende da educação do jornalista.

A divulgação competente da ciência passa, necessariamente, pela formação do jornalista. É necessário compreender o papel da ciência, seu potencial e limites, bem como ter claro que a produção da C&T depende, necessariamente, de sua relação com o Estado e a sociedade.

Para Oliveira (apud COSME, 2001, p. 63) o número de profissionais especializados em divulgação científica e tecnológica que estão vinculados aos meios de comunicação de massa é insuficiente para a demanda existente no país.

A formação adequada dos jornalistas, de acordo com Bueno (1988, p. 99) deve ser em primeiro lugar, interesse conjunto dos órgãos federais, estaduais, associações científicas e escolas de comunicação, que deveriam promover a reciclagem de profissionais dos meios de comunicação de massa. Segundo ele, já na graduação, deveriam receber educação específica, incluindo a disciplina de Jornalismo Científico em todas as faculdades de jornalismo. A opção para jornalistas formados seria a realização de cursos de atualização. O autor lembra que mesmo o jornalismo científico, sendo uma variação de jornalismo, não deixa de ser uma especialização, diferente do que cobrir acidente de trânsito. Por este motivo, o jornalismo científico exige certas habilidades do profissional, como a formação básica em ciência, a identificação das fontes corretas, a consciência clara de que o público não é informado, a consulta aos bancos de dados.

Ferreira também acredita na importância da formação do jornalista para que este possa ser um divulgador da Ciência.

Não se pode dizer que exista uma fórmula específica para a divulgação de ciência. Mas existem alguns pré-requisitos que podem levar esta empreitada a dar certo. A primeira é o profissional de comunicação ter bem definido o que é ciência. (FERREIRA, 199, p. 82).

Para Martinez (1988, p. 35), se o jornalista tiver ao menos uma formação básica, a especialização vai se completando no trabalho do dia-a-dia. Ele afirma que ao trabalhar para o público especializado o jornalista “tem que ser um misto de comunicador e de especialista no assunto.” (MARTINEZ, 1988, p. 34). Outra qualidade fundamental para o jornalista trabalhar com ciência, segundo o autor, é ter familiaridade com os jargões da área.

Quem não acredita na necessidade de especialização é Petrim (1988, p. 57). Apesar disso ele defende que o jornalista deve ter certa vocação para o tema, uma familiaridade com a Ciência, ao passo que segue os princípios básicos do fazer jornalístico como noticiar, opinar, discutir, orientar, não perdendo de vista o compromisso com a comunidade.

A vocação e familiaridade com a Ciência, apontados por Petrim, de certa forma influenciaram na produção do Guia do Casal Grávido. Como pesquisadora deste estudo de caso, posso dizer que não recebi apenas a educação em ciência básica oferecida no ensino regular. Desde os primeiros anos de escola, sempre tive profundo interesse nos assuntos científicos. A primeira experiência científica da qual participei foi a apresentação de um trabalho na feira de ciências do colégio, quando cursava a segunda série do ensino fundamental. Tratava-se de um viveiro para analisar o ciclo de vida da borboleta, da lagarta, passando pela metamorfose, ao animal no estágio adulto. O interesse pela apresentação na feira foi tanta que resultou em um convite feito pela professora da turma para uma outra apresentação, representando a escola em uma feira na faculdade do município, atualmente Universidade (Unesc). A partir daí, o interesse por Ciência só cresceu, incluindo a filiação no clube Ciranda da Ciência, da Fundação Roberto Marinho. Do clube chegavam correspondências com informativos obre assuntos científicos, sugestões de experiências, entre outras atividades.

A curiosidade sobre assuntos científicos me levava a leitura voluntária de coleções inteiras de enciclopédias, revistas especializadas, observação de documentários, e programas de TV (como O Mundo de Beackman, entre outros). O desejo de conhecimento era sobre os mais diversos temas, mas havia algumas preferências sobre informações ligadas à arqueologia, astronomia, saúde, vida animal. Quando estudante da sétima série, participei da criação do primeiro clube de ciências da escola na qual estudava. O grupo reunia-se uma vez por semana para a realização de experimentos. Na época, a equipe chegou a ser convidada para participar de uma feira de ciências no Rio de Janeiro, porém tanto

esta proposta quanto o clube foram extintos porque a professora responsável mudou-se de cidade.

No momento de optar pela graduação a cursar, cheguei a oscilar entre medicina veterinária e jornalismo. Diversos fatores fizeram a balança pender para o campo jornalístico: o gosto e afinidade pela escrita, a facilidade de comunicação, a importância do papel do jornalista como prestador de serviço à sociedade, entre outros. Todavia, nada pesou mais do que a certeza de que, como jornalista, seria possível conhecer sobre diferentes assuntos e compartilhá-los com as pessoas tais descobertas. O mais interessante da profissão de jornalista é despertar nas pessoas o desejo e o prazer de ampliarem seus conhecimentos, além de conscientizá-las sobre a necessidade de buscar informação.

A simpatia por temas científicos resulta em uma alfabetização científica mais sólida, que inclui o domínio de um vocabulário mais abrangente, maior entendimento dos procedimentos científicos, compreensão do comportamento dos cientistas, enfim, são obtidas diversas informações que são úteis para o trabalho do jornalista científico.

A aproximação com a ciência foi ampliada ainda mais durante o curso de graduação em Jornalismo. Ao passar a integrar o projeto de extensão Universidade Aberta, o contato com pesquisadores da Universidade passou a ser diário. Como bolsista de rádio, produzia todos os dias boletins para o programa que era veiculado na Rádio CBN Diário, geralmente tratando de pesquisas que estavam sendo realizadas por professores e estudantes da Ufsc. Neste trabalho, os estudantes tinham que fazer as entrevistas com os pesquisadores, depois redigir e gravar um boletim que explicasse ao público em geral de que se tratava a pesquisa e os reflexos desta para o dia-a-dia das pessoas. Esta era a tarefa mais fascinante e também o maior desafio para os estudantes de jornalismo. Foi nessa época que se consolidou o interesse em trabalhar com jornalismo científico.

Sobre o tema gestação, vale lembrar que passei pela experiência da maternidade,

portanto a vivência pessoal interferiu no conhecimento prévio sobre o tema. O conhecimento sobre o tema também foi aprofundado com a participação no grupo de gestantes. Inclusive, a motivação em participar do curso já veio do interesse e curiosidade sobre os assuntos científicos.

Evidentemente é muito difícil o jornalista sempre vivenciar o tema que vai abordar. Estar em contato direto com uma pesquisa científica também é um acontecimento excepcional.

A observação direta da ciência, por parte dos jornalistas, no ato em que está fazendo, é rara. A maioria dos eventos significativos não pode ser vista de modo algum em muitas ciências. A descoberta surge da manipulação de dados, seja nas cabeças dos cientistas seja em longas análises de computador. (BURKETT, 1990, p. 82).

Apesar da dificuldade de o jornalista estar onde está a ciência, o autor acredita que isto seja mais viável que a experiência pessoal e ideal para o exercício do jornalismo científico.

As aplicações e a tecnologia oferecem chances melhores para o redator ver e relatar o que acontece. Por exemplo, os escritores de ciência já andaram em aviões, dentro de furacões, ao lado de pesquisadores meteorológicos. (BURKETT, 1990, p. 82).

Certamente um repórter não precisa engravidar para produzir um material sobre gestação, porém pode participar de atividades que o levem a um conhecimento mais aprofundado do assunto que vai tratar.

Escavações arqueológicas, expedições de campo, visitas a laboratórios e outras oportunidades podem se abrir ao redator de ciência que procura. Os cientistas, particularmente os administradores, gostam de mostrar suas instalações. Mesmo se você não observar uma 'descoberta' verdadeira, as descrições dos lugares e condições nas quais a ciência é realizada constituem leitura interessante para aqueles que podem imaginar mas nunca têm a chance de sair de trás da cortina. Enquanto você não vir alguns pares usados pelos físicos ou pesquisadores de energia, vai lhe faltar a sensação exata a respeito de sua escala de operações. Uma visita a laboratórios não é exatamente o mesmo que descer ruidosamente por um canal de Everglades com um biólogo aquático, mas qualquer experiência pessoal o ajudará a colocar os assuntos em perspectiva melhor. (BURKETT, 1990, p. 82).

Outra participação ainda mais rara, e ao mesmo tempo mais proveitosa, segundo Burkett (1990, p. 83), é levar o repórter para o dia-a-dia da pesquisa, participando ativamente das atividades envolvidas na pesquisa.

Várias universidades, laboratórios privados, hospitais e instalações governamentais, tais como os National Institutes of Health, levam os redatores científicos para dentro de suas rotinas cotidianas por algumas semanas ou meses. Através da realização de trabalho útil, que varia desde escrever press releases e anotar observações até mesmo lavar vidros do laboratório, o redator obtém experiência direta sobre como a ciência é feita."

Entre os exemplos citados por Burkett, está o MIT, que oferece dois tipos de experiência para jornalistas interessados em divulgar ciência: uma delas dura algumas semanas, outra é um ano acadêmico com despesas pagas. O Programa Nieman Fellows, em Harvard, paga aos jornalistas um ano de cursos científicos. No Columbia University os jornalistas chegam a cortar cadáveres em aulas de anatomia. Para o autor, este tipo de experiência enriquece o trabalho do jornalista científico.

"Essas experiências acrescentam autenticidade e drama às histórias de pesquisa científica. Mesmo aqueles cujo treinamento inclui cursos de ciência e experiência em laboratórios, deveriam tirar vantagens de qualquer oportunidade que possa agarrar, mesmo se for apenas para passar algumas horas trabalhando durante toda a noite numa experiência intrincada. Mesmo o tédio tem significado. Sua experiência irá acrescentar detalhes e maior percepção ao seu trabalho, coisas que de outra maneira lhe escapariam a não se que seja um entrevistador imaginativo." (BURKETT, 1990, p. 83-84).

4 A CONCEPÇÃO DO GUIA DO CASAL GRÁVIDO

Na introdução foi esclarecido qual é o objeto deste estudo de caso: o trabalho em vídeo intitulado *Guia do Casal Grávido*. Em função disso, é preciso começar a análise a partir do surgimento da idéia de fazer o vídeo, ou seja, onde tudo começou.

A sugestão de fazer um produto jornalístico voltado para gestantes partiu do professor do

Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (Ufsc), Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch. Na época, ano de 2000, a autora desta dissertação era estudante do citado curso de graduação, para o qual precisava apresentar um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Em 1999, o professor havia participado do "Curso para Gestantes e Casais Grávidos", promovido por um grupo de profissionais do Hospital Universitário da Ufsc. Ao participar das aulas, verificou que produzir um material jornalístico com os temas abordados no curso seria uma prestação de serviço, não só aos pais de primeira viagem, mas também a todos os casais e gestantes. A prevenção é fundamental para a saúde humana sob todos os aspectos, por isso a tranquilidade na gestação está diretamente relacionada ao acompanhamento pré-natal, tanto com exames periódicos, quanto com o acesso à informação de qualidade. Como a aluna também tinha participado do curso do HU, no mesmo ano, ambos entraram em acordo quanto ao interesse em produzir um material educativo voltado para gestantes.

4.1 Escolhas

A idéia de produzir um material instrutivo para gestantes estava lançada, porém outras decisões precisavam ser tomadas para dar início ao trabalho de produção do projeto educativo. Estas escolhas foram fundamentais para definir, por exemplo, que o material seria em vídeo e não em rádio.

4.1.1 Assunto

O que mais pesou na decisão sobre o tema, certamente foi a noção da importância deste tipo de produto educativo para quem está envolvido no processo de gestação. Esta conscientização foi reforçada pelo fato de orientador e orientanda terem passado pela experiência, ou seja, por um período estiveram na posição do que se consideraria o público-alvo do vídeo.

Maslow (apud BURKETT, 1990, p.60), como psicólogo, desenvolveu a proposição de que as pessoas agem para preencher certas "necessidades e gratificações". Com base nessa afirmação, Burket (1990, p.60) acrescenta que a idéia de que parte desse preenchimento pode vir através da mídia impressa e eletrônica, orienta grande parte do processo de seleção de pautas científicas.

Burkett (1990, p. 50), destaca os critérios mais tradicionais que levam o jornalista científico a optar por determinado assunto, porém nem todos estes critérios servem para justificar as decisões tomadas na produção do *Guia*, pois esta série em vídeo se trata de um material educativo e não de uma notícia.

Em parte, a escolha do que deve ser publicado é feita por um consenso de redatores e editores. Não há regras restritivas, embora haja uma concordância geral sobre os fatores levados em consideração na decisão. Alguns fatores são baseados na tradição e outros são de origem mais recente. O capricho também tem o seu lugar: um editor ou redator simplesmente gosta de escrever ou ler sobre um assunto, e por isso assume que os outros

também irão gostar. Às vezes o bom estilo pode superar na balança outros fatores detratores. Em geral, senso de oportunidade, 'timing', impacto, significado, pioneirismo e interesse humano são importantes. A variedade e o conflito também são considerações. (BURKETT, 1990, p. 50).

Segundo Burkett (1990, p. 50), o "senso de oportunidade", um dos critérios citados acima, é a capacidade que o jornalista tem de enxergar o "gancho" do assunto proposto. O "feeling" de ver a atualidade existente no tema, mesmo quando o mesmo já foi apresentado em outras ocasiões. Ele exemplifica que uma pesquisa de anos atrás pode se tornar conteúdo de uma reportagem científica, simplesmente por ser inédita aos olhos do público.

No caso de uma série educativa em vídeo não existe necessariamente um gancho. O *Guia do Casal Grávido* é um produto de divulgação científica, assim como o Jornalismo também é uma subdivisão da mesma. Lage (2004) define que

O jornalismo científico é parte da divulgação científica, que começa pelos papers, destinados a segmentos restritos de especialistas, passa pelos artigos propostos a comunidades mais amplas de pesquisa, aos livros didáticos e aos paradidáticos destinados a adultos, adolescentes ou crianças. Exige, em regra, trabalho cooperativo entre jornalistas e pesquisadores, advertidos estes de que o material a ser divulgado é aquele de interesse público, não necessariamente o de maior relevância, do ponto de vista da especialidade. (LAGE, 2004).

Porém, por ser um material de divulgação científica com finalidades educativas, o *Guia* foi pautado, justamente, a partir do relacionamento de parceria firmado com os profissionais do Grupo de Gestantes do HU, escolhidos como fonte. A pauta foi sendo definida com base nas necessidades do público, não pelo gancho do assunto, como se faz em notícias científicas. Detalhes sobre como foi o processo de seleção das fontes e dos temas estão no capítulo sobre a Pré-produção.

O "timing" (BURKETT, 1990, p. 50) foi outro critério de seleção da pauta que não influenciou na escolha dos assuntos que seriam abordados pelo *Guia*. Trata-se da ligação entre o assunto e a atualidade, como por exemplo, publicar uma matéria sobre melancolia natalina na época do

Natal. Além de a gestação ser um fenômeno que não tem data fixa para ocorrer. Além disso, o jornalista que se propõe a fazer um trabalho com finalidades educativas não tem a preocupação com o factual. Pelo contrário, o produto educativo deve conter informações que não sejam tão perecíveis quanto as de uma notícia de um jornal diário, porque o material didático é criado com o intuito de ser utilizado por um prazo maior de tempo.

Outro critério que influencia o jornalista a optar por determinadas pautas em detrimento de outras é o "impacto" (BURKETT, 1990, p. 51). Geralmente o jornalista escolhe aquele assunto que afeta o maior número possível de pessoas. Temas que envolvem sexo, relacionamentos humanos e medicina (doenças letais), segundo Burkett, estão no topo da lista. Embora este critério não tenha pesado conscientemente na decisão de quais assuntos seriam abordados pela série em vídeo, certamente os temas relacionados à gestação interessam a um número significativo de pessoas, tendo em vista que para cada pessoa nascida há proporcionalmente uma gestante (salvo nos partos gemelares).

A importância que um determinado assunto terá para a vida das pessoas também condiciona a decisão do jornalista. Burkett (1990, p. 51) denomina este critério de seleção da notícia de "significado". Naturalmente, o significado, ou em outras palavras, a importância das informações que seriam veiculadas no *Guia* para a vida das gestantes, também interferiu positivamente na definição da pauta do vídeo.

O pioneirismo, singularidade, novidade do assunto, mais conhecido no meio jornalístico como furo noticioso, já não é o tipo de critério que interfere na idealização de um material educativo, mesmo envolvendo as Ciências da Saúde, embora Burkett (1990, p. 52) aponte o furo como a meta principal do jornalista que lida com a informação científica. "Ser o primeiro em uma descoberta ou teoria é o objetivo da pesquisa. Os primeiros são notícias." O interesse pelo furo desaparece em projetos educativos por dois motivos principais. O primeiro deles parte do jornalista: ao produzir um material

educativo ele não está preocupado com a concorrência, que é na verdade a motivação principal da busca pelo furo noticioso. A segunda razão parte dos entrevistados, que também não vão usar o produto didático para lançar novas descobertas, com o objetivo de sair na frente de seus colegas de especialidade. As informações de um material instrutivo não podem ser inéditas. Os dados devem ter sido submetidos exaustivamente à análise dos especialistas da área, para garantir que será seguro passá-los adiante como recomendação à população. Não orienta as pessoas a adotar uma prática que ainda não foi testada e certificado que é a ideal.

Outro critério amplamente comentado por Burkett (1990, p. 53) é o "interesse humano", com a produção de matérias que apelam às emoções das pessoas, para direcioná-las a tomar determinadas atitudes. Em alguns casos, isso resulta em sensacionalismo. Todavia, na escolha dos temas da série em vídeo, a preocupação em sensibilizar as gestantes a desenvolver práticas sadias durante a gestação não deveria comovê-las a ponto de chocá-las, apesar de se verificar após os programas prontos que algumas cenas, como as seqüências do parto, poderiam ser fortes para espectadores mais sensíveis.

Analisando os critérios de Burkett, comprova-se que alguns deles até se encaixam nos procedimentos adotados pelo jornalista que se envolve em projetos educativos, embora os conceitos do autor sejam direcionados ao jornalista científico, especialmente aquele que exerce sua função na imprensa (redatores de ciência). Apesar de haver pontos comuns entre o modo de produção de um jornalista científico e de um que está executando a função de divulgador de ciência por meio de um produto didático, observa-se algumas posturas próprias daquele que produz materiais educativos. Quando o tema é saúde, especificamente, as escolhas do jornalista são direcionadas pela necessidade de fazer as pessoas comportarem-se preventivamente diante de questões de saúde. Outro critério que move as decisões do jornalista neste tipo de trabalho é, segundo Burkett, a busca das pessoas por

respostas pessoais e individuais aos seus problemas de saúde. "A informação científica pode suprir informação geral necessária para levar os indivíduos a tomarem decisões mais prudentes." (BURKETT, 1990, p. 58).

Para Maslow, os jornalistas fazem suas escolhas baseados nas necessidades de sobrevivência, culturais e de conhecimento da população, observação na qual o tema gestação também se encaixa.

Um grande interesse de leitores e espectadores volta-se para matérias ou temas que lidam com aspectos fundamentais de sobrevivência, como alimentação e moradia, transporte básico, saúde e segurança pessoal, sexo e procriação, e algum nível de afeição e contato social. Também postulados como necessidades de sobrevivência por Maslow, são o emprego do tempo de maneira significativa, habilidades básicas de trabalho e algum mínimo de tempo livre para usar como agrada a cada um. As ameaças à gratificação dessas necessidades evocam respostas profundas e poderosas. (MASLOW apud BURKETT, 1990, p. 60)

Mais do que a conscientização do interesse das pessoas por temas de saúde, a desinformação da população sobre alguns assuntos relacionados à gestação foi o fator que mais pesou na definição da pauta do *Guia*. Volta-se a salientar que a função do material educativo é instruir, de saúde é educar para a prevenção. Como destaca Sabbatini (2004), a falta de conhecimento sobre as questões ligadas à gravidez, parto, amamentação, entre outros assuntos coligados, é o que leva às complicações de saúde das mulheres que passam por este processo.

Existe uma relação direta entre nível educacional e o status de saúde de uma população. Por exemplo, a incidência de complicações na gravidez, parto e pós-parto é mais do que o triplo nas mulheres com até o curso primário do que nas mulheres com curso universitário. É claro que uma parte dessa diferença pode ser atribuída à falta de dinheiro (também existe uma forte correlação entre nível sócio-econômico e nível educacional), ou de alimentação adequada, ou de falta de condições sanitárias e de moradia adequadas. Entretanto, diversos levantamentos médicos e sociológicos mostram sem sombra de dúvida, que a ignorância da mulher pouco educada a respeito de seu próprio corpo e da necessidade de exames pré-natais periódicos, cuidados preventivos, auto-deteção prematura de problemas, etc, é um fator muito importante. (SABBATINI, 2004)

Os exames pré-natais foram incluídos na pauta do programa sobre gestação como

sendo um dos assuntos principais a serem abordados pela série. O que levou a esta escolha, não foi nenhum critério daqueles citados por Burkett, como timing, pioneirismo ou atualidade. A principal razão da escolha foi a relevância educativa do tema tendo em vista a realidade das mulheres brasileiras, cuja parcela significativa não tem noção da importância dos exames realizados durante a gravidez.

No Brasil, cerca de um terço a metade das mulheres de baixo nível educacional não fazem qualquer controle pré-natal, apesar dele estar amplamente disponível em boa parte da rede pública de saúde (SUS). Indagadas por ocasião do parto, declaram que 'não sabiam' que era necessário. O mesmo se aplica no parto e no período perinatal imediato. Muitas mães fazem o parto com 'curiosas' das redondezas (tão pobres e ignorantes quanto elas), adotam práticas tradicionais ou supersticiosas deletérias (colocar materiais estranhos no coto do umbigo do bebê, por exemplo), ou não procuram o médico em caso de infecções puerperais (encaradas como problemas comuns do 'resguardo'). (SABBATINI, 2004)

Para o autor, a educação das pessoas sobre informações de saúde passa pelo sistema informal de educação, que inclui os materiais de divulgação científica.

A educação formal proporciona várias oportunidades de aprendizado sobre o corpo, sua anatomia e fisiologia, as doenças e sua prevenção, iniciando-se já no ensino fundamental. Mas é o aprendizado informal, através de jornais, revistas, rádio e TV (e agora, a Internet), que fornece a maior parte das informações que as pessoas recebem sobre temas de saúde, em complementação ao pouco que é passado na educação formal. Essa informação é fundamental, pois torna possível a assim chamada 'decisão bem-informada', ou 'consentimento bem-informado', tais como saber quando procurar um profissional de saúde, decidir vacinar os filhos, seguir hábitos saudáveis e abandonar hábitos deletérios para saúde (como parar de fumar), concordar com um tratamento médico prescrito, obedecer rigorosamente uma receita médica, etc. (SABBATINI, 2004).

O acesso à informação de saúde ajuda, inclusive, que as pessoas possam julgar as condutas médicas.

Especialmente no mundo complexo da medicina de hoje, e do caráter falível dos seus profissionais (que não são perfeitos), é imprescindível que as pessoas participem nas decisões médicas sobre sua própria saúde, sabendo, inclusive, discriminar quando a conduta do profissional pode estar errada, falha ou omissa. Todo mundo conhece, ou já passou por situações em que uma decisão pessoal, baseada em conhecimento adquirido espontaneamente sobre saúde, reverteu ou evitou um possível erro médico ou negligência. Felizmente, são episódios raros, mas, como diz o ditado, 'o seguro morreu de velho'. (SABBATINI, 2004).

Para Macedo, a educação em saúde exerce um papel, mesmo que indireto, de capacitar as pessoas a avaliar riscos, tratamentos, medidas preventivas e fazer opções sobre suas próprias condições de saúde.

Existe, na educação em saúde, uma correlação positiva entre o grau de conhecimento sobre as doenças, seus fatores de risco, formas de prevenção e tratamento e a adoção de hábitos saudáveis, pelo indivíduo e pela comunidade. Embora não se possa dizer que essa correlação seja direta, já que há contradições, é amplamente aceita a noção de que indivíduos mais bem informados sobre medicina e saúde estão mais atentos a comportamentos preventivos e têm melhores condições de reagir às doenças. Ao mesmo tempo, os elevados custos de implantação e manutenção dos serviços de saúde, bem como o envelhecimento da população e a incidência de doenças crônicas, justificam a estratégia de ações preventivas. (MACEDO et al., 2005)

Seguindo esta mesma ótica, Silvério afirma que

[...] abordar o tema saúde, vai muito além das técnicas de redação. Não basta apenas ser uma 'vitrine estética' dela. É preciso ser funcional. Pôr em prática, jornalismo informativo, preventivo, educativo e de utilidade pública com intuito de prevenir e erradicar doenças da população. Analisando-se sob a ótica da ação-reação, surte efeito positivo. Isto porque que pessoas bem informadas sobre saúde, se cuidam mais, e, procuram fazer mais consultas médicas, seja pelo Sistema Único de Saúde (SUS) ou por convênios particulares. Com o acesso à informação, há uma preocupação maior por parte da população com a qualidade de vida, e conseqüentemente, uma significativa diminuição no número de mortes causadas por desconhecimento. (SILVÉRIO, 2005).

Para aquele público que já tem um nível de instrução mais elevado (formação no ensino médio ou universitário), portanto são pessoas mais bem informadas, assim como aquela parcela da população em melhor situação sócio-econômica (cujas necessidades de sobrevivência básicas já foram satisfeitas), o acesso às informações por meios não formais de educação servem para melhorar a qualidade de vida destes cidadãos (MASLOW apud BURKETT, 1990, p. 60).

4.1.2 Suporte

A decisão de utilizar o vídeo como suporte para o trabalho voltado às gestantes surgiu

automaticamente à idéia de produzir mesmo. Não que o tema fosse impróprio para outros veículos, porém algumas particularidades levaram à escolha do vídeo como veículo ideal para a elaboração de um material didático envolvendo o tema da gestação.

A necessidade de visualização dos conteúdos repassados pelos especialistas fez do vídeo o suporte ideal. Como falar sobre o parto, sem mostrar a cena de um bebê nascendo? Ou ainda como explicar a maneira correta de colocar o bebê para amamentar sem vincular a isso a imagem de uma criança ao peito da mãe? Outras recomendações dadas pelos entrevistados também exigiam o uso da imagem. O ensinamento da troca de fraldas e do banho do recém-nascido, os exercícios físicos próprios para as mulheres no período da gestação, são apenas alguns dos exemplos.

A riqueza visual do tema e a gama de oportunidades de se trabalhar o conteúdo por meio de recursos audiovisuais, certamente foi o ponto fundamental para a definição do vídeo como ferramenta de transmissão do conteúdo. Esta preferência pelo vídeo para tratar de assuntos científicos data dos tempos do cinema mudo. Inclusive, a Medicina foi uma das primeiras ciências a utilizar o vídeo como meio de divulgação.

Ya en 1896, en Rusia se emplea el cine para mostrar determinados procedimientos quirúrgicos. También se tiene conocimiento de que en Polonia, Bosleslaw Matuszewski, antiguo operador de cinematógrafo, filma varias operaciones quirúrgicas, a partir de 1897. Matuszewski considera que el cine puede ser de gran utilidad y recomienda emplearlo en diversas actividades relacionadas con las artes, la ciencia, las artes militares, la educación, etc. En 1898, científicos de otros países europeos también filman películas sobre diversos temas médicos; por ejemplo, una sobre el movimiento de hemipléjicos, rodada en un hospital de Bucarest. Igualmente, en Grã Bretaña se realizan películas sobre temas médicos desde los primeros años del cine. En este país, el pionero del cine médico fue el doctor Parchen que, en 1898, produce tres películas sobre diferentes enfermedades. (LEÓN, 1999, p. 65).

Sobre o poder cognitivo da imagem Leandro (2001, p. 31) enfatiza que "[...] uma vez abordadas sob o ponto de vista da criação, as imagens são capazes de suscitar, da mesma forma que o texto escrito, um verdadeiro processo cognitivo". A autora ressalta que a imagem "[...] pensa e faz

pensar, e é nesse sentido que ela contém uma pedagogia intrínseca." (LEANDRO, 2001, p. 31).

Ainda sobre o vídeo como uma das ferramentas mais adequadas para a produção de materiais educativos, Leandro acrescenta que "Uma imagem ensina na medida em que ela, tanto do ponto de vista formal quanto de conteúdo, veicula um pensamento, encorajando assim o pensamento no espectador." (LEANDRO, 2001, p. 34).

4.2 Viabilidade

Depois de optar pela produção do material educativo em vídeo, foi preciso averiguar a viabilidade junto à equipe de profissionais do Hospital Universitário. Em consulta à coordenadora do *Grupos de Gestantes e Casais Grávidos* do Hospital Universitário, constatou-se que antes de realizar qualquer tipo de trabalho dentro do hospital, seria necessário apresentar um projeto ao Comitê de Ética da Ufsc.

Pela regulamentação do Conselho Nacional de Saúde, toda pesquisa envolvendo seres humanos deve ser submetida à apreciação de um Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), subordinado à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (Conep), do Ministério da Saúde. Em cursos de graduação das Ciências da Saúde que constantemente realizam estudos envolvendo seres humanos, esta prática é encarada com naturalidade pelos estudantes. No entanto, no Curso de Jornalismo, seria a primeira vez que um projeto estava sendo encaminhado ao Comitê.

Como lembra Burkett (1990, p. 190), é preciso ter cuidado com a intrusão em negócios privados, vidas pessoais de pacientes ou de cientistas, como detalhes sobre sua vida sexual, seu estado de saúde e seus afazeres econômicos. O direito à privacidade deve ser garantido, portanto, quando se trata de trabalho ambientado em unidades de saúde. Para a aprovação junto ao CEP, foi preciso anexar ao projeto o Termo de Consentimento (TC) que seria entregue aos entrevistados. Esta prática é ideal para assegurar que a intimidade das fontes não será exposta. O TC deveria explicar, resumidamente e de forma clara, os objetivos do projeto. Caso a pessoa não aceitasse assinar, a imagem não poderia ser feita. E mesmo com a assinatura, no termo estava claro que o direito a mudar de idéia estava assegurado.

Burkett (1990, p. 190) destaca que "Relatar e fotografar o que tem lugar em público como numa

rua pública ou terreno público, não constitui intromissão". Apesar de esse argumento nortear a maior parte dos trabalhos jornalísticos, há casos em que outros aspectos devem ser considerados. Dentro do hospital as pessoas ficam fragilizadas e nem sempre estão em plenas condições físicas e psicológicas para tomar decisões. Determinadas imagens, dependendo do ponto de vista, constrangem quem participou dela. A gravação da seqüência de um parto, por exemplo, não é aceita por toda parturiente.

5 PRÉ-PRODUÇÃO

Depois da aprovação junto ao Comitê de Ética, a próxima etapa foi restabelecer o contato com o *Grupo de Gestantes* do Hospital Universitário da Ufsc para dar início à pré-produção do vídeo: escolha das fontes especializadas para as entrevistas, agendamento das gravações, definição dos temas, pré-roteiro e pesquisa sobre o assunto e sobre o público-alvo.

O mais importante era firmar uma parceria com a equipe de especialistas, o que foi viabilizado pelo intermédio da coordenadora do *Grupo de Gestantes*. Ter um intermediário é importante para facilitar a formação de rede de parceiros, melhor ainda quando se trata do coordenador do grupo, que centraliza informações, é responsável pela manutenção dos contatos entre os integrantes e pelo fluxo de informações entre estes.

A função mediadora exercida pela coordenadora do curso é comparável a dos Relações Públicas citados por Burkett (1990, p. 91). Segundo o autor, os RPs de empresas e instituições ajudam na obtenção das entrevistas e na identificação das pautas. Com a ajuda da coordenadora do curso foi possível primeiro definir uma pauta geral sobre os temas que deveriam ser abordados na série em vídeo para gestantes, depois selecionar os profissionais capacitados para falar sobre cada assunto. Ela mesma fazia os contatos prévios com cada um dos entrevistados, informando-os sobre o projeto educativo e consultando-os sobre a sua disponibilidade em participar.

A agilização no contato com as fontes foi importante para o andamento do trabalho, no entanto, mais válida ainda foi a discussão da pauta com a coordenadora do curso, já que a proposta do projeto educativo era justamente transmitir o mesmo conteúdo repassado nas aulas do *Curso para Gestantes e Casais Grávidos*. Até o nome do curso serviu de inspiração na escolha do nome da série, que foi intitulada de *Guia do Casal Grávido*.

Pode-se dizer com segurança que a proposta do projeto educativo era de oferecer o mesmo curso, porém em forma de vídeo. Inclusive, ao firmar a parceria com os profissionais do *Grupo*, eles demonstraram interesse em utilizar o material, depois de pronto, nas próprias aulas do curso, tendo em vista que os profissionais não tinham para seu uso nas aulas, certas imagens que seriam obtidas para a montagem da série.

A conversa com profissionais responsáveis pelo *Grupo*, como o caso da coordenadora, também é um bom começo no relacionamento com fontes especializadas. Esta atitude por parte do jornalista fortalece o vínculo e a confiança com as fontes, deixando evidente a intenção em divulgar as informações corretas. Além disso, valoriza a participação da fonte e a conscientiza sobre a importância de seu papel na qualificação informativa do material.

A definição da pauta em parceria também foi importante porque o *Grupo de Gestantes* já tem uma metodologia própria. Na primeira reunião, das oito realizadas com cada turma de inscritos, os profissionais entregam um questionário para as gestantes preencherem com dados pessoais e seus interesses em participar das aulas. Além disso, também no primeiro encontro, os participantes são incentivados a demonstrar quais as suas principais dúvidas sobre a gestação. As gestantes são divididas em equipes para fazer um cartaz em conjunto, colando recortes de revistas sobre o assunto e escrevendo as perguntas às quais gostariam de obter resposta durante sua participação no curso. Os profissionais realizam esta atividade exatamente para direcionar o trabalho a ser desenvolvido ao longo do curso, de modo que possam abordar apenas os temas do interesse da maioria. Como o *Grupo* já existe há quase dez anos, os profissionais que trabalham nele têm o conhecimento das dúvidas mais frequentes e dos temas de maior interesse dos participantes. Esta compreensão do público-alvo por parte dos especialistas, associado ao fato de estes profissionais saberem qual tipo de informação é fundamental para o público, e à seriedade da instituição na qual eles trabalham (a maternidade do HU

é bem conceituada nacionalmente), consolidaram o interesse por esta equipe de especialistas como principais fontes de informação na produção do vídeo.

Ao discutir a pauta com a coordenação do *Curso para Gestantes*, chegou a se apresentar um projeto, com a sugestão de realizar uma série dividida em seis módulos, cada qual com um tema central relacionado a todo o processo de gestação, incluindo as fases de parto e pós-parto. No entanto, o projeto estava aberto a mudanças, servindo apenas como um ponto de partida. Após o contato com a equipe do *Grupo de Gestantes*, o vídeo foi replanejado para quatro programas (Ver Apêndices B a E).

5.1 Escolha das fontes

A principal preocupação ao fazer o vídeo era como chegar nas fontes certas para a realização das entrevistas. Teóricos do Jornalismo Científico costumam apontar alguns cuidados a serem tomados na seleção de fontes de informação científica. Algumas destas recomendações são válidas também para a produção de materiais didáticos sobre Ciência, no entanto, produtos de cunho educativo exigem que o jornalista adote também outros tipos de critérios na escolha dos entrevistados.

Como já se antecipou brevemente na introdução deste capítulo, diversos fatores levaram a escolher os profissionais do *Grupo de Gestantes do HU* como fontes de informação do *Guia*. Burkett observa que geralmente são procurados os especialistas mais experientes e renomados (1990, p.13)

Os jornalistas tendem a lidar com os cientistas mais antigos, cuja reputação no seio da sociedade científica está bem estabelecida. Eles são mais seguros e dispostos a falar. No caso dos pesquisadores mais novos, a crítica dos colegas pode comprometer a posição na comunidade científica, principalmente se estiverem em busca de avanço profissional, direito à participação universitária ou reconhecimento do seu trabalho.

No processo de seleção de fontes para o *Guia*, pouco se sabia sobre a carreira dos

especialistas do Grupo de Gestantes, se eram antigos no seu meio ou se eram reconhecidos na comunidade científica. Desconhecia-se também se eram fontes que tinham freqüente contato ou bom relacionamento com jornalistas, como chega a sugerir Ryan (apud BURKETT, 1990, p. 49). Analisando com mais precisão, na verdade não houve uma seleção de fontes, individualmente, mas a opção por um grupo. O motivo principal que direcionou a escolha da equipe de profissionais da maternidade do HU foi justamente o tipo de atividade educativa desenvolvida por eles. A consciência destes especialistas quanto à necessidade de popularizar o conhecimento em saúde com finalidades preventivas, fez do *Grupo de Gestantes* o parceiro ideal para a realização de um projeto educativo em vídeo. A afinidade de interesses é importante na formação de uma parceria, pois todos trabalham movidos pelos mesmos objetivos.

O comportamento didático dos especialistas do Grupo também os tornou modelos de entrevistados. Essa postura educativa emergiu da própria experiência destes profissionais durante as aulas do *Curso para Gestantes*, nas quais tinham que se expressar em linguagem acessível aos participantes do curso (não-especializado), abandonando jargões e termos técnicos. De outra forma, não estariam cumprindo a proposta instrutiva do curso.

Vale ainda a reflexão sobre outros critérios de seleção da fonte, que competem mais ao Jornalismo Científico. Bueno (2002) alerta, por exemplo, para os interesses envolvidos na divulgação da informação de saúde

A experiência da comunicação para a saúde, em nosso País, é, fundamentalmente, a legitimação de um viés ideológico que resulta da conjugação de duas realidades: a do ensino e da prática da Medicina e a do processo de divulgação científica. Ambas, estão indissolavelmente ligadas a interesses e compromissos que se situam fora delas, mas que lhes imprimem um perfil singular, definido por atributos, como a fragmentação, o preconceito, o reducionismo, a mitificação e o corporativismo.

Aprofundando sua análise sobre os interesses envolvidos na comunicação científica,

Bueno (2002) ainda acrescenta que

[...] duas grandes possibilidades caracterizam a prática da comunicação para a saúde, com a mediação dos meios de comunicação de massa: 1) campanhas de âmbito nacional e 2) veiculação de informações sobre Medicina/Saúde, em reportagens, colunas ou artigos inseridos nos jornais, revistas, rádio e televisão. Estas duas possibilidades encerram gargalos e distorções, exatamente porque estão umbilicalmente vinculadas a fatores que lhes fogem ao controle: a proposta editorial dos veículos, a atuação corporativa da chamada ordem médica, a ingenuidade e o despreparo de jornalistas e comunicadores em geral, a omissão dos governantes e o lobby da indústria da saúde.

Há de se concordar com o autor de que o jornalista deve se precaver no contato com as fontes, consultar outras opiniões sobre o mesmo tema, checar dados para evitar a divulgação de informações incorretas ou a propaganda de produtos e técnicas duvidosas. No entanto, em um trabalho em parceria, envolvendo pessoas com interesses mútuos, como na realização do *Guia do Casal Grávido*, este tipo de preocupação fica reduzida. O conteúdo do vídeo é direcionado pelos entrevistados, mas não para manipular as pessoas ou para transformar o jornalista em um porta-voz de interesses articulares das fontes. Existe neste caso, uma meta coletiva, como em qualquer campanha educativa. O jornalista que se envolve em projetos educativos não está sendo porta-voz, mas sim transmitindo informações que possam contribuir nas tomadas de decisões das pessoas.

Outro critério de seleção de fonte que deve ser levado em consideração, tanto por jornalistas científicos, quanto para jornalistas voltados aos projetos educativos, é a formação do especialista. O Grupo de Gestantes era formado por profissionais de diferentes especialidades, ou seja, para todos os temas abordados na série havia pelo menos um, ou até mais de um, especialista capacitado a tratar do assunto. Porém, alguns autores comentam sobre a formação deficitária também das fontes especializadas, reflexo do sistema educacional precário do país.

Capozoli (2002) afirma que

Pesquisadores científicos também se ressentem de formação mais consistente, especialmente em história e filosofia da ciência. Um descaso com a natureza do conhecimento, por precária consistência epistemológica, certamente pode ser entendido como uma forma de analfabetismo científico. E esse é um problema mais sério que pode parecer à primeira vista. Gerações anteriores de pesquisadores científicos, como também aconteceu no jornalismo, tiveram formação mais ampla e arejada, para se fazer uma consideração sumária. E se aconteceu um esvaziamento cultural, tanto na Universidade quanto na imprensa, a lógica monoteísta do mercado, mandamento básico do neoliberalismo, não acena com tempos menos áridos no futuro imediato.

Para Ribeiro (2001, p. 14) o nível educacional no Brasil está tão baixo que “[...] mesmo na universidade, há gente com dificuldades para fazer com eficácia e clareza uma comunicação por escrito, pequena que seja. Parece que o fenômeno nem é novo”.

Ribeiro (2001, p. 15) alerta ainda para fontes que não são capacitadas nem mesmo na área em que atuam, um fenômeno ainda mais grave. "Um jornalista não saber Física é coisa normal, eles não têm treino para isso. O problema é se o físico não sabe Física [...]”.

Quanto ao jornalista no exercício de atividades educativas, a variedade na escolha das fontes é vista como fundamental para que o profissional atinja seus propósitos educativos.

Na apuração, a diversidade das fontes deve ser um princípio básico. Não se trata apenas de ouvir o outro lado como mandam os manuais de redação. Em se tratando de assunto científico, todo cuidado é pouco para evitar um erro ou até mesmo ser instrumentalizado pelo cientista. Na elaboração do texto, é necessário contextualizar os fatos observados em toda a sua dimensão política e histórica. Na divulgação da ciência e da tecnologia, a informação meramente factual é um desserviço à opinião pública. O jornalista não pode esquecer-se de seu papel educativo. (CALDAS, 2002).

Para os educadores, nem chega a existir esta separação de fontes e jornalistas, na realização de um trabalho educativo. Todos os profissionais, cada qual com a sua especialidade, interagem, garantindo o potencial educativo do material. O campo da Educomunicação, ou seja, da inter-relação comunicação/ educação, só se viabiliza, segundo Soares (2000, p. 22), por meio da multiplicidade de atores sociais envolvidos no processo educativo.

A interdiscursividade, vale dizer, o diálogo com outros discursos, é a garantia da

sobrevivência do novo campo e de cada uma das áreas de intervenção, ao mesmo tempo que vai permitindo a construção de sua especificidade. Este interdiscurso é multivocal e o seu elemento estruturante é a polifonia. A alteridade é a dimensão constitutiva deste palco de vozes que polemizam entre si, dialogam ou complementam-se.

Soares (2000, p. 22-23) observa que a formação de grupos, ou do que ele chama de "ecossistemas comunicativos", responsáveis pela gestão da comunicação educativa, são importantes para o desenvolvimento de ações-não formais de educação. Nesse conceito do autor, encaixa-se o *Grupo de Gestantes e Casais Grávidos do HU* e, posteriormente, o grupo de trabalho formado para a realização do *Guia do Casal Grávido*, reunindo especialistas em saúde e profissionais da comunicação.

5.2 Primeiros contatos

Após a formação da parceria, com uma definida rede de contatos, partiu-se para a marcação das entrevistas. Antes das entrevistas propriamente ditas, houve um contato informal com as fontes, com o objetivo de prepará-las para as gravações.

O processo de preparação dos entrevistados incluiu a familiarização com os equipamentos de filmagem e com a metodologia de trabalho do jornalista. Outra finalidade do contato prévio com as fontes foi para alertá-las sobre a necessidade de preparar as informações que pretendiam divulgar durante as entrevistas. Este foi o momento em que se discutiu com as fontes a pauta de cada entrevista: perguntas, imagens para fazer, dados para se destacar, escolha dos ambientes, materiais a providenciar (cartazes, objetos, etc). Os especialistas eram incentivados a dar sugestões sobre os recursos que pudessem tornar mais clara a mensagem do vídeo.

A preparação do entrevistado também é enfatizada por Burkett (1990, p. 79).

O cientista deve saber com antecedência o que você deseja falar. Uma vez solicitei uma entrevista com uma figura importante em ciência política para conhecê-la, nada mais. Seu homem de relações públicas perdeu isso de algum modo na transferência da informação. Ambos perdemos - o cientista, porque se perguntava por que motivo eu estava ali, e eu,

porque não podia imaginar sua irritação sobre chegarmos ao motivo do encontro. Portanto, deixe claro com antecedência o que você deseja falar. Isso ajuda seu entrevistado a se aprontar para suas perguntas, algumas das quais você deve preparar antes da entrevista.

Na exposição da metodologia do trabalho, esclareceu-se aos entrevistados que seriam feitas perguntas, sobre as quais iriam explicar livremente, sendo que as perguntas feitas pela repórter não apareceriam no produto final. Todos foram confortados de que não havia necessidade de se preocupar com interrupções, declarações entrecortadas, ou pausas, pois o material seria editado posteriormente. Os entrevistados foram conscientizados de que as entrevistas não seriam utilizadas integralmente, ou seja, apenas os trechos mais importantes das gravações seriam aproveitados.

Como o foco do vídeo é a imagem, as discussões com as fontes antes das filmagens também eram úteis para definir quais imagens deveriam ser providenciadas para tornar os temas de fácil compreensão para o público. Esta medida foi fundamental para que o repórter cinematográfico pudesse se preparar e estudar a viabilidade de produzir as imagens sugeridas. Alguns tipo de imagens não eram viáveis sem um planejamento prévio, pois exigiam a marcação de hora, pedidos de autorização, entre outras procedimentos próprios da rotina hospitalar.

5.3 Pré-roteiro

Como a série em vídeo seria composta por quatro programas, com uma grande quantidade de conteúdos e entrevistados, era fundamental preparar um pré-roteiro, para facilitar o andamento das gravações e evitar que fossem esquecidas informações imprescindíveis ao público-alvo, assim como para não se perder muito tempo com assuntos de menor relevância. Mesmo que posteriormente houvesse mudanças, principalmente com o andar das entrevistas e filmagens, foi traçado um cronograma. Além de organizar a produção do vídeo, o pré-roteiro tem a função de evitar problemas no cumprimento de prazos e no uso dos equipamentos.

O prazo para a conclusão do material era de quatro meses, sendo que os equipamentos e operadores estavam disponíveis dois períodos por semana para as gravações. Portanto, a preocupação com o planejamento do uso do tempo era importante, principalmente porque os entrevistados eram profissionais da saúde: a maior dificuldade era encontrar tempo na agenda destas fontes. Os profissionais de saúde geralmente trabalham em mais de uma atividade, incluindo atendimentos em consultórios, clínicas, ambulatórios e ainda plantões hospitalares.

5.4 Pesquisa

Foi também nesta fase, antecedente à produção, que foi feita toda a pesquisa sobre o assunto do *Guia do Casal Grávido*. Além de material fornecido pelos especialistas, livros, sites, cds, vídeos, panfletos, entre outros materiais informativos, inclusive aqueles fornecidos para freqüentadores do hospital.

Apenas com a consulta da internet a pesquisa rendeu mais de 200 páginas de material impresso sobre gestação e temas correlatos, apesar de terem sido impressas só as informações selecionadas. O que facilitou a fase da pesquisa foi o conhecimento prévio sobre o assunto, assimilado pela experiência pessoal e pela participação no curso de gestantes.

As informações apreendidas no curso, somadas ao estudo aprofundando do assunto, foram essenciais para a formulação das perguntas aos entrevistados, demonstrando a eles que se tinha um conhecimento básico sobre o assunto. Chegar ao entrevistado munido de informações ajuda a conquistar sua confiança, como será detalhadamente abordado no capítulo sobre *Entrevistas*. Além disso, o embasamento teórico dificulta a manipulação por parte dos especialistas, porque já se conhece outras vertentes sobre o mesmo tema. Bem informado, o jornalista evita levantar falsas bandeiras, não

se mantém ingênuo diante dos interesses dos entrevistados e conhece as pesquisas mais recentes sobre os assuntos estudados.

5.4.1 Do público-alvo

A essência de qualquer trabalho educativo é instruir o público-alvo, suprimindo sua carência informativa sobre o assunto. Por este motivo, antes de produzir qualquer material educativo, o jornalista precisa conhecer, ou pelo menos vislumbrar, quem é este público, quais seus interesses e sua deficiência de informação. Isso nem sempre é possível, pois na maioria das vezes os jornalistas apenas imaginam o que seu público deve ou não saber.

Na realização do *Guia*, no entanto, este conhecimento tornou-se acessível, na medida do possível, devido a fatores peculiares do caso. O primeiro deles foi a experiência da gestação vivida pela jornalista envolvida no projeto, permitindo que enxergasse o tema do ponto de vista do público-alvo.

O conhecimento do público-alvo também se deu por meio do contato com os profissionais do *Grupo de Gestantes*. Como já foi citado anteriormente, a equipe de profissionais realiza sua própria pesquisa sobre os interesses dos participantes do *Curso para Gestantes e Casais Grávidos*. Portanto, as informações obtidas pelos especialistas do *Grupo* também foram tomadas como base para definir o público-alvo.

Como destacou Burkett (1990, p. 19), é fundamental o conhecimento do público-alvo porque

A escolha de notícias depende quase inteiramente da visão que os editores têm sobre os interesses do seu público, se predominantemente de classe trabalhadora ou profissionalmente treinada. Os redatores de ciência do *The Wall Street Journal* cobrem ciência, medicina, o meio ambiente e outros assuntos pelos efeitos que os novos desenvolvimentos terão potencialmente sobre seus leitores enquanto seres humanos e pessoas de negócio.

Ainda ressaltando a importância de o jornalista conhecer o público-alvo o autor acrescenta

Os redatores científicos operam em muitos níveis e graus de popularização, educação e esclarecimento. Seu conhecimento do nível de compreensão de seus leitores ou espectadores guia tanto a seleção de fatos como o grau de popularização. O rádio, a televisão e o jornal local atingem um público de faixa etária e grau de instrução variados e diferentes origens. Escrever a respeito de ciência para este público exige a seleção de tópicos de grande impacto ou grande significação. Em virtude da limitação de tempo ou espaço científicos, os assuntos precisam competir com muitos outros tipos de notícias e matérias. (BURKETT, 1990, p. 19).

O que se deve sempre considerar, quando se divulga ciência, é a formação educacional precária da população. A falta de conhecimento básico em ciência das pessoas, de um modo geral, torna ainda mais necessária a produção de projetos educativos, além das vias formais de educação. Como aponta Gevertz (1991, p. 110) vias não formais de educação devem ser utilizadas para a difusão científica; produção do conhecimento; formação e aperfeiçoamento de recursos humanos. Ela destaca a necessidade de produzir material instrucional inovador.

Hernando também acredita que a população deve ter uma formação científica básica para que as pessoas possam compreender o mundo em que vivem. Para tal, devem desenvolver certas capacidades como

1. Familiarizar-se com o mundo natural e reconhecer sua diversidade e sua unidade;
2. Entender os conceitos fundamentais e os princípios científicos;
3. Perceber a inter-relação entre as matemáticas, a ciência e a tecnologia;
4. Ter em conta que a ciência, a matemática e a tecnologia são empresas humanas, o que implica seguridades e limitações;
5. Adquirir a capacidade de pensar conforme exige o rigor científico;
6. Utilizar o conhecimento científico com propósitos individuais e sociais. (HERNANDO apud COSME, 2001, p. 43).

A parceria entre jornalistas e cientistas na divulgação científica é que seria responsável pela alfabetização científica da população, já que os estudiosos alertam para este analfabetismo científico, até mesmo entre adultos com formação universitária. "[...] os problemas de fundo na comunicação científica nos países de terceiro mundo são a débil estrutura educativa, o deficiente sistema de desenvolvimento e o não entendimento da Ciência como componente essencial da cultura."

(SHARAFUDDIN apud COSME, 2001, p. 49).

Sobre o assunto, Sharafuddin (apud COSME, 2001, p. 50) também afirma que os países desenvolvidos sempre estiveram em contato com as revoluções científicas e tecnológicas, enquanto os países em desenvolvimento ainda estão tentando conseguir fazer parte destes acontecimentos, o que de certa forma justifica a formação científica deficiente da população.

Portanto, para se obter sucesso com a divulgação do saber científico, é preciso antes fazer a alfabetização científica dos cidadãos, que não significa um conhecimento profundo do tema, mas a assimilação de conceitos indispensáveis ao entendimento da mensagem. (HAZEN; TREFIL apud COSME, 2001, p. 50).

5.4.2 Do tema

Para produzir um material educativo sobre ciência, o jornalista precisa ter um conhecimento básico dos temas que vai abordar. Este conhecimento pode ser a própria bagagem cultural do profissional ou pode ser obtido por meio de pesquisa aprofundada sobre o assunto a ser abordado.

Quando não é possível passar pela experiência relativa ao assunto do trabalho, ou integrar a rotina de uma equipe de especialistas, a melhor e mais usual forma de um jornalista construir uma base de conhecimento sobre o assunto do produto de divulgação científica é pesquisar sobre o tema, aproveitando todos os recursos que se tiver à disposição.

Os estudiosos da comunicação científica apontam que não é recomendável chegar ao entrevistado sem uma sólida base informativa. Se o jornalista desconhece completamente o assunto, se não tem um conhecimento prévio do tema que vai tratar, com certeza encontrará barreiras ao se

relacionar com a fonte especializada.

A variedade de recursos à disposição dos jornalistas, atualmente, praticamente acaba com a dificuldade de encontrar informações, seja lá qual for objeto da pesquisa. Para dar início à investigação de informações relacionadas aos temas do *Guia*, o primeiro passo foi fazer uma busca na internet. Mesmo com o conhecimento apreendido no *Curso para Gestantes*, era fundamental pesquisar sobre o assunto, principalmente para conhecer outros pontos de vista, captar informações de outros especialistas e checar as informações repassadas pelos profissionais do *Grupo de Gestantes*. Na consulta com as palavras-chave gestação, gravidez, maternidade, parto, amamentação, bebê, entre outros temas relacionados, foi possível encontrar centenas de sites. Fora da internet, também foram consultados livros, revistas e periódicos sobre o tema, porém a maioria era destinada ao público especializado. Por meio desta pesquisa foi possível conhecer conceitos, teorias, pesquisadores, entre outros detalhes do tema escolhido. Apenas o material selecionado da internet rendeu cerca de 200 páginas impressas.

Utilizando-se de uma anedota, Burkett (1990, p. 71) ilustra a importância da pesquisa no trabalho do jornalista que lida com informação científica.

Os repórteres perguntaram uma vez a um famoso criminoso por que roubava bancos. "Porque é ali que o dinheiro está", replicou ele, espantado de que alguém o perguntasse. Fazer uma carreira na redação científica significa localizar os cofres do conhecimento científico, penetrá-los até onde se encontra o interesse público e enfrentar uma série de medidas de proteção.

Segundo Burkett (1990, p. 73-74) além de entrevistas, consulta à internet e bibliotecas, os jornalistas podem se informar sobre assuntos científicos, ao participar de eventos como reuniões, palestras, cursos, entre outros.

Apesar de ocupar parte do tempo que o jornalista dispõe para fazer seu trabalho, a pesquisa facilita a produção do material jornalístico. A informação básica faz com que as entrevistas com os especialistas sejam mais proveitosas, pois o tempo com o entrevistado é otimizado. Chega-se

no entrevistado já sabendo o essencial, deixando o encontro com a fonte apenas para aprofundar o tema, tirar dúvidas, corrigir informações e pedir orientações.

Ao se informar previamente sobre os temas a serem abordados nas entrevistas, o jornalista estará melhorando inclusive o relacionamento com o entrevistado. O especialista, ao perceber que o jornalista tem algum conhecimento sobre o assunto, concluirá que este está realmente interessado no tema, portanto se esforçou em pesquisar. Com certeza, esta atitude é valorizada pelo cientista. Os pesquisadores não gostam, por exemplo, de perder tempo explicando o óbvio. Além disso, o especialista dá a entrevista seguindo as perguntas e limitações do repórter. Se não houver uma base sólida por parte do jornalista, a entrevista será pobre em conteúdo.

Quando um jornalista procura um pesquisador sem o mínimo de conhecimento sobre o tema, a fonte pode até sentir que está perdendo tempo e não terá consideração pelo trabalho do repórter. Ao passo que, se estiver bem informado, o jornalista consegue convencer o cientista que vai tratar a informação com responsabilidade. Firmar uma parceria com a fonte, num relacionamento de confiança mútua, deixará o especialista mais à vontade para se expressar e o jornalista menos intimidado pelo conhecimento da fonte.

Vale destacar ainda, que a pesquisa não é feita apenas antes da fase de produção do material jornalístico. Durante toda a realização do vídeo, até a finalização, a busca por informações é constante. Por este motivo, mesmo se não houvesse a experiência pessoal da gestação e a participação no curso de gestantes, seria possível, por se tratar de um trabalho de longo prazo, encontrar outra forma de se envolver e aprofundar o assunto.

A presença em todas as filmagens, por exemplo, favoreceu o envolvimento no tema, pois se mantinha contato constante com o público-alvo. Nestes encontros partilhava-se da experiência vivida por estas pessoas. As visitas à maternidade e aos demais setores do hospital ligados à gestação

(pediatria, obstetrícia, nutrição, enfermagem, entre outros), permitiam a observação de como atuavam, na prática, os profissionais de saúde, diferente de apenas ouvir suas entrevistas. Pegando por exemplo a presença da equipe na sala de parto junto com a parturiente, no momento do nascimento do bebê, tornou possível a observação dos procedimentos do local e da equipe de especialistas, além de detectar a reação e a experiência das partes envolvidas no evento, principalmente a parturiente. O acompanhamento dos fatos de perto, facilita a explicação dos mesmos para o público, quando se vai finalizar o vídeo. A participação nas rotinas hospitalares, o contato com as condutas dos profissionais de saúde, assim como as vivências do pacientes, ofereceu um bom nível de familiaridade e envolvimento com o assunto, não necessitando viver a experiência para entendê-la.

6 PRODUÇÃO

Com a pauta definida e as entrevistas agendadas, o trabalho em vídeo começou a ser produzido: gravação das entrevistas; filmagens; elaboração dos offs, passagens e vinhetas; criação de recursos adicionais (artes, quadros, etc); e por fim, a decupagem de todo o material para facilitar a construção do roteiro.

6.1 Entrevistas

O momento das entrevistas é a parte mais importante do trabalho, pois é o material coletado que moldará o conteúdo do vídeo. Porém, não é só a importância que faz da entrevista o momento mais interessante do trabalho do jornalista, mas sim por ser também a tarefa mais prazerosa de todo o trabalho.

A interrogação ou a coleta de notícias científicas por meio de entrevistas diretas com as pessoas responsáveis por nova informação científica é uma das mais agradáveis tarefas do redator de ciência. (BURKETT, 1990, p. 78).

Apesar de não se saber todas as técnicas e teorias sobre a abordagem a um especialista, a experiência da entrevista era o momento de maior satisfação, exatamente como cita Burkett. Era a ocasião de aproximação com a fonte, de aprofundar e ampliar conhecimentos, de conhecer o novo. A conversa e o contato com o especialista traziam a satisfação por estar agregando informações sobre assuntos de interesse geral. No instante da entrevista o jornalista está aperfeiçoando o conhecimento sobre um assunto e tirando dúvidas que são do seu interesse tanto quanto são da população, afinal o jornalista também se inclui no público, carente de informação.

Independente se o trabalho tem ou não finalidades educativas, uma entrevista será sempre uma entrevista, com seus problemas e procedimentos característicos. No entanto, quando se trata de uma fonte especializada, como um profissional da saúde, o jornalista corre o risco de enfrentar dificuldades específicas de entrevistas com este tipo de entrevistado. Porém, alguns cuidados também específicos podem ser tomados para evitar o comprometimento do trabalho.

Antes de entrar em detalhes sobre as entrevistas feitas para o Guia do Casal Grávido, é interessante lembrar que foi feito um contato prévio com os entrevistados, no qual houve a familiarização com a fonte, discussão da pauta e marcação da primeira entrevista.

6.1.1 Relacionamento

A queixa mais freqüente dos jornalistas que lidam com fontes científicas é o relacionamento truncado, principalmente por parte das fontes especializadas. Os cientistas chegam ao ponto de se negar a conceder entrevistas porque são desconfiados quanto a seriedade dos

profissionais de mídia. Porém, um entrevistado que se mostra arredo em um primeiro contato, pode mudar de idéia, dependendo de como ele seja abordado pelo repórter.

Segundo Burket (1990, p. 66) o jornalista pode utilizar estratégias para conquistar a fonte.

[...] o redator de ciência deve manter em mente que a aparente relutância em ser entrevistado pode ser ou não genuína. Os redatores de ciência podem ter de agüentar a mesma sorte de embaraços impostos a jornalistas de outras especialidades até que provem às suas fontes que são precisos, bem informados e habilidosos. Os redatores precisam saber distinguir entre uma fonte determinada a evitar uma entrevista e outra que pode ser induzida a fazê-la. Portanto os redatores devem trabalhar no aperfeiçoamento de suas habilidades no campo das relações humanas.

Para Dunwoody e Scott (apud BURKETT, 1990, p. 67) um dos preconceitos existentes no meio científico é de que o jornalista é de status inferior ao dos cientistas. Na produção do *Guia* o processo de conquista da fonte começou já com a preparação para as entrevistas: a participação no *Curso para Gestantes* (apesar de ter sido feita sem saber que se ia produzir o vídeo), que resultou na familiarização com as fontes; contato inicial com a coordenadora do curso do *Grupo de Gestantes*, que formou a rede de parceiros com os demais profissionais do grupo; pesquisa sobre o assunto, que permitiu um contato mais seguro nas entrevistas.

O primeiro obstáculo no relacionamento com as fontes foi a busca de formar a parceria com o Grupo de Gestantes, apresentando o projeto e discutindo a viabilidade de produzir o vídeo com esta equipe de profissionais. Depois disso, a dificuldade no relacionamento com as fontes do grupo se resumiu a encontrar espaço na agenda ocupada dos profissionais.

O trabalho em parceria reflete diretamente no comportamento das fontes que fazem parte dela. Já na marcação da entrevista o relacionamento era amigável. Fazia-se a discussão da pauta, mas em nenhum momento algum dos entrevistados manifestou desconfiança quanto à natureza do trabalho. Além disso, nenhum deles recusou-se a colaborar nas entrevistas.

Durante as entrevistas também não houve desentendimento entre repórter e

entrevistados. As perguntas eram feitas, trocadas as informações e esclarecidas as dúvidas, sem nenhum tipo de comportamento hostil por parte dos especialistas. Não questionavam o uso que seria feito das gravações, não pediam para ver o material depois de editado e nem questionavam sobre a capacidade de a equipe realizar o trabalho.

O procedimento adotado durante as gravações das entrevistas também tinha finalidade causar o menor incômodo possível aos especialistas. Era utilizado um microfone de lapela, fazendo com que os entrevistados intercalassem o olhar entre câmera e repórter, sem desviar a atenção para microfones e nem mesmo ocupar as mãos. Todos estavam livres para falar e gesticular como em uma conversa informal. A equipe de produção também se colocava o mais próximo possível da câmera para que o entrevistado falasse sem olhar sempre para os lados. A informação de um produto didático deve ser transmitida diretamente para o público-alvo, ou seja, a fonte deve falar voltando-se para este público na maior parte do tempo da entrevista, expressando-se com clareza, naturalidade e segurança.

O comportamento ideal do entrevistado nestes casos é ser didático, falar em uma linguagem coloquial, mas sem perder a seriedade. "O cientista seguro de sua área conversa com o jornalista de forma descontraída e é capaz de falar com linguagem simples e clara, para ser perfeitamente compreendido." (RIBEIRO, 2001, p. 15).

Pelo menos a maior parte dos profissionais entrevistados para o *Guia* não apresentava o que Bueno (apud COSME, 2001, p. 30) chama de uma desconsideração dos cientistas com relação aos jornalistas, ignorando a importância que estes têm no diálogo perito versus leigos. Há grupos como este do Hospital Universitário que não só compreendem a necessidade de haver comunicação com o público leigo, como eles mesmos tomam a iniciativa de popularizar o conhecimento científico. A prevenção é o foco do trabalho educativo deles, portanto esta convicção também se refletia nas entrevistas concedidas durante a produção da série em vídeo.

Os especialistas sempre atenderam com boa vontade desde o primeiro contato feito para as entrevistas. Apesar de terem uma rotina de trabalho intensa, disponibilizavam um espaço em sua agenda que coincidissem com os horários em que havia equipamento disponível para as gravações. Algumas vezes as entrevistas eram gravadas nos plantões, em horários que o profissional ficava sem pacientes para atender, ou nos intervalos entre uma consulta e outra.

Durante as entrevistas, os especialistas repassavam claramente as informações sobre o assunto do vídeo, utilizando de uma linguagem acessível ao cidadão comum. Quando havia algum termo mais técnico ou científico, preocupavam-se em explicá-lo. Além de responder às perguntas, também sugeriam outros assuntos a serem abordados, orientando a pauta do trabalho para atender as necessidades e interesses do público. Inclusive davam sugestões de imagens que poderiam ser feitas e de recursos (materiais, objetos) que poderiam tornar mais clara a mensagem transmitida na entrevista.

Esta relação de parceria firmada entre os especialistas e jornalistas na produção do *Guia*, também é relatada como possível por Caldas (2002), apesar de a autora considerar que cientistas e jornalistas diverjam em suas visões sobre a divulgação científica.

A ótica do jornalista na divulgação da ciência, quase nunca coincide com a do cientista. Por que isso acontece? Afinal, a curiosidade pelo conhecimento e a observação dos fatos fazem parte da rotina de trabalho de ambos. A diferença fica por conta do método e do tempo disponível para a investigação. Talvez os jornalistas e cientistas observem o mundo, a realidade, a informação, de forma diferente.

Sobre a importância do trabalho cooperativo entre jornalistas e especialistas, a autora faz outra observação.

[...] para evitar o sensacionalismo e as distorções na divulgação da informação, jornalistas e cientistas devem atuar em parceria, procurando cada um compreender o método e o processo de trabalho do outro: da produção em parceria e da produção da notícia. Só assim

será possível uma colaboração mútua para uma divulgação competente da C&T. (CALDAS, 2002).

No caso de um material com fins educativos, é vital não distorcer as informações. Segundo Caldas (2002), a distorção pode ser evitada justamente pelo bom relacionamento entre jornalista e entrevistado. A parceria entre a equipe de produção e os entrevistados do *Grupo de gestantes do HU* foi o que permitiu a precisão nos dados transmitidos no material audiovisual. Porém, para atingir um nível de entrosamento satisfatório, a autora aponta que é necessário o jornalista ter um conhecimento mínimo do fazer científico e vice-versa.

Ao jornalista cabe entender que a ciência trabalha com um sistema de dados, hipóteses, teorias e técnicas e ao cientista, que o jornalista tem um prazo de fechamento da matéria que pode variar de horas a uma semana ou, no máximo um mês, quando se tratar de revista especializada. É preciso que jornalistas e cientistas percebam que o laboratório da sociedade é muito maior e mais complexo que o de uma instituição de pesquisa ou de uma redação de jornal. (CALDAS, 2002).

Um bom recurso para evitar a distorção é o jornalista insistir nas perguntas com a fonte sempre que não tenha compreendido completamente o assunto.

O bom jornalista não deve **nunca** ter receio de perguntar e de admitir que não sabe. Ainda que a resposta seja óbvia para o cientista, que convive diariamente com suas pesquisas e com o seu jargão, pode não sê-lo para o jornalista e muito menos para o público. (OLIVEIRA, 2002, p. 49).

Em linhas gerais, para o cientista colaborar com o jornalista, é preciso que ele entenda como funciona o trabalho jornalístico, pelo menos compreender que o jornalista exerce um papel fundamental na difusão da informação perante a sociedade. Ao mesmo tempo, o especialista também tem que compreender a importância de seu próprio papel na divulgação.

Em primeiro lugar, deve ter claro que a democratização do conhecimento científico depende de sua colaboração. É de sua responsabilidade divulgar a ciência que produz. Nunca é demais lembrar que cabe ao Estado, através dos impostos públicos, que impõe ao cidadão, o

financiamento da pesquisa. Procurar compreender o imediatismo dos meios de comunicação e colaborar com o jornalista na divulgação de sua pesquisa é tarefa do pesquisador. Deve também, sempre que possível, fornecer material impresso em linguagem acessível, para fundamentar melhor o trabalho do jornalista. Procedendo desta forma, estará correspondendo ao interesse popular pela ciência e ajudando a reduzir as 'confusões' criadas pela pseudociência. A responsabilidade da divulgação deve ser compartilhada entre cientistas e jornalistas.

Vogt (2001) endossa a afirmação de que a maioria dos problemas da divulgação científica vêm do mal relacionamento entre jornalistas e especialistas. Ele ressalta que os jornalistas científicos estão em luta constante pela democratização do saber científico, todavia alerta que isso só será possível quando se der fim aos problemas que dificultam a divulgação científica ao público leigo.

E como parcela significativa desses problemas deriva dos conflitos que cercam a relação entre cientistas e jornalistas, não se pode pensar em soluções fora do âmbito das partes envolvidas, ou seja, tanto o cientista – produtor do conhecimento científico – quanto o jornalista – agente decodificador e mediador deste conhecimento junto aos segmentos sociais não especializados – devem assumir, ambos, a responsabilidade pela superação das dificuldades provenientes dessa conflituosa relação, que acabam por interferir na produção da notícia, por conseguinte, no nível de qualidade do produto jornalístico oferecido ao público. (VOGT, 2001, p. 86).

Outro estudo, realizado por Crócomo (2001, p. 149), concluiu que o bom relacionamento com os entrevistados facilita o trabalho do jornalista científico. O autor avaliou a produção de um programa televisivo de divulgação científica, chamado *Pesquisa Aplicada*, realizado, sob sua coordenação, por estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina. O programa tinha como objetivo divulgar as pesquisas desenvolvidas no Centro Tecnológico da Ufsc. Com base nos depoimentos dos alunos envolvidos no projeto, foi possível tirar algumas conclusões sobre a produção de um material de divulgação científica em vídeo.

Segundo as declarações dos estudantes envolvidos no projeto (CRÓCOMO, 2001, p. 151) a relação deles (enquanto repórteres) com os pesquisadores era tranqüila. Eles apontaram como dificuldade principal a falta de disponibilidade dos entrevistados, que tinham pouco tempo livre em suas

atribuladas rotinas de trabalho. Ao marcar as entrevistas havia pouca flexibilidade nos horários, fato que também ocorreu na produção do *Guia do Casal Grávido*. Profissionais da saúde têm pouco tempo livre, pois trabalham em sistema de plantão, atendem em consultórios, participam de eventos científicos (feiras, congressos, cursos, etc), enfim, ocupam a maior parte do tempo em afazeres relacionados à profissão.

De acordo com as afirmações dos estudantes, (Crócomo, 2001, p. 151) as principais dúvidas vinham da tentativa de se chegar num consenso entre repórter e entrevistado quanto à relevância das informações.

No caso da definição das pautas e da abordagem da matéria, as condições iniciais demonstram que, em boa parte das reportagens, houve dúvidas entre os aspectos que o pesquisador preferia destacar e aqueles que os repórteres consideraram mais relevantes. Aí percebe-se a relação que deve ser mantida entre fonte e jornalista, delimitando cada um deles o espaço que lhes cabe ocupar.

Na gravação das entrevistas para a realização do *Guia*, não houve confronto com os entrevistados sobre os pontos relevantes dos assuntos abordados, simplesmente porque foi transferida aos especialistas a responsabilidade de escolher o que era importante ou não para o público-alvo. Apesar de os questionamentos partirem da jornalista, que já chegava nos entrevistados com informação básica sobre o assunto, era por meio das entrevistas, conversando com os especialistas que se definia o que deveria ser destacado pelo trabalho em vídeo.

Voltando aos estudantes que participaram do *Pesquisa Aplicada*, eles apontaram como outra dificuldade considerável, a tradução das informações técnicas ao público leigo, mantendo a fidelidade dos dados. Porém, em um trabalho de perfil completamente educativo como o *Guia*, mesmo esta tarefa de decodificação sendo difícil, tornava-se uma obrigação. Não se podiam distorcer as informações, assim como era necessário simplificá-las, utilizando uma linguagem coloquial. Esta

simplificação, segundo confirma a pesquisa de Crócomo (2001, p. 151) é a principal preocupação dos cientistas, que temem a vulgarização do conhecimento científico.

Porém, assim como no *Guia*, os jornalistas envolvidos no *Pesquisa Aplicada* tinham um prazo mais elástico para produzir o material, diferente do jornalismo diário. Por este motivo, tinham condições de aprofundar o contato com as fontes e até mudar o enfoque do produto, caso o entrevistado assim orientasse.

Em função do tempo destinado às matérias, houve casos em que a pauta e a abordagem inicialmente previstas tiveram que ser alteradas, conforme o depoimento de um dos alunos: 'As pautas, na verdade, eram indicações do assunto a ser reportado. O enfoque mesmo era dado na hora da produção da matéria, o que nos dava uma certa liberdade para conduzir a matéria da melhor maneira que fosse. Mas tínhamos tempo para isso. No jornalismo diário seria impossível. Uma pré-produção, uma boa pauta, são importantíssimas. (CRÓCOMO, 2001, p.152).

Ainda sobre a relação entre jornalistas e fontes científicas, os estudantes do *Pesquisa Aplicada* tiraram outras conclusões. Uma delas é que para conquistar a confiança de um cientista, basta transmitir segurança e sobriedade durante as entrevistas, como enfatizou o depoimento de um dos alunos.

Na maioria das vezes, a relação com as fontes é complicada. Existe uma certa resistência por parte dos professores e pesquisadores, talvez por medo de que os repórteres e editores cometam erros. Não é uma regra geral e geralmente o mais difícil é o início dos contatos. É preciso ganhar a confiança das fontes, mostrando seriedade e competência." (CRÓCOMO, 2001, p. 154).

Na produção do *Guia*, a confiança das fontes também foi sendo consolidada a partir das entrevistas, no contato mais próximo com os entrevistados. À medida que os especialistas conheciam a metodologia de trabalho da equipe de reportagem (preocupações, interesses e responsabilidade com as informações), suas preocupações com a qualidade do trabalho iam desaparecendo.

Outro detalhe percebido na produção do *Guia* foi o desejo dos entrevistados em divulgar

seus conhecimentos. Os especialistas do *Grupo de Gestantes do HU* manifestaram desde os primeiros contatos, no agendamento das entrevistas, o interesse em difundir por outros meios aquelas informações que repassavam nas aulas do Curso para Gestantes. O mesmo fenômeno foi observado por parte dos cientistas entrevistados para o Pesquisa Aplicada.

A fonte (o pesquisador) geralmente quer 'vender' seu produto mostrando tudo o que considera relevante. Na maioria dos casos, conseguimos atender às expectativas das fontes aos exibirmos a matéria. Ao contrário do que parece, o cientista é muito aberto à divulgação da pesquisa que faz. Ele tem interesse em informar as pessoas sobre a tecnologia que desenvolve. (CRÓCOMO, 2001, p. 154-155).

Capozoli (2002) também ressalta que "uma das maiores dificuldades de jovens jornalistas empenhados em divulgação científica é ouvir de pesquisadores a acusação de que 'jornalistas distorcem declarações'". Por isso, torna-se imprescindível fortalecer a relação de confiança entre o jornalista e sua fonte. Ao passo que se conquistar o respeito e segurança do entrevistado, evita-se qualquer problema de rejeição por parte dela. "A conjugação, o condomínio, o consórcio entre jornalista e pesquisador são necessários para um bom jornalismo científico. E cada um na sua." (RIBEIRO, 2001, p. 15).

Burkett chama atenção para outro fator que deve ser levado em consideração pelo jornalista que entrevista fontes da medicina: a postura do médico diante de sua profissão.

Como membros de uma das mais antigas e cerradamente organizadas profissões, os médicos movem-se numa trama sensível de relações com pacientes, outros médicos, hospitais, equipes de enfermagem, a lei e o público. A área mais sensível é da confiança e confidencialidade entre médico e paciente. Como redator você precisa de informação de pacientes. Mas como os equívocos na transmissão de informação médica sobre pacientes específicos podem tanto ser divulgados abertamente como guardados em sigilo, a informação confiável é quase não-obtensível sem a cooperação do médico. Alguns são mais cooperativos com os jornalistas do que outros e o ajudarão a obter o consentimento dos pacientes para as matérias assim como arranjarão tempo para as entrevistas. (BURKETT, 1990, p. 160).

Porém, o mesmo autor destaca que se o jornalista conseguir transpor este obstáculo,

conquistando a fonte médica, estará construindo uma imagem positiva e sólida de si mesmo diante da comunidade médica.

Cultivar a amizade profissional com esses médicos, paga muitos dividendos. Como a comunidade médica é tão apertadamente tecida, a sua reputação por acurácia, conhecimento e consideração irá se espalhar rapidamente. Se for boa, você poderá encontrar um fluxo crescente de sugestões de matérias em sua direção. Isso pode aumentar a sua lista pessoal de contatos para informação e avaliação de histórias potenciais. (BURKETT, 1990, p. 160-161).

Os médicos valorizam a imagem que a opinião pública faz deles. A boa fama é um valor primordial para estes profissionais, por este motivo prezam os jornalistas que são responsáveis na divulgação de informações.

Por causa do potencial de dano à reputação das pessoas para quem a reputação é um atributo profissional principal, nenhum aviso deveria ser necessário sobre a aderência estrita aos mais altos padrões de acurácia e imparcialidade ao se lidar com a comunidade médica. (BURKETT, 1990, p. 165).

Na época em que foi feito o *Guia*, a jornalista responsável pelo trabalho não tinha conhecimento destas particularidades do comportamento e do ponto de vista do profissional da área de saúde. Apesar deste desconhecimento, havia a mesma preocupação com a fidelidade da informação, por um simples motivo: o público deveria receber as informações corretas sobre o assunto.

A noção de que a precisão dos dados transmitidos pelo vídeo era uma garantia de que o bem-estar do público-alvo não seria comprometido, foi o que norteou o trabalho de produção do vídeo para gestantes. Em nenhum momento se pensou que poderia estar em jogo a carreira dos profissionais entrevistados. Não havia a preocupação com a reputação dos médicos. Não se queria veicular dados imprecisos, simplesmente porque uma informação errada sempre interfere de forma negativa no dia-a-dia das pessoas.

6.1.2. Procedimentos

Como proceder durante a entrevista para não espantar o especialista e, muito pelo contrário, conquistar o seu crédito? Comportar-se com seriedade diante do especialista é uma das recomendações de Burkett (1990, p. 78).

Se você entrar dançando ou saracoteando no laboratório do pesquisador esperando fazer uma piada sobre o trabalho para o qual ele vive e a sua completa ignorância, a atmosfera pode se reduzir a Zero Absoluto a não ser que as circunstâncias sejam muito, muito especiais.

Ao perguntar incansavelmente, até tirar todas as dúvidas, o jornalista provará ao entrevistado que está preocupado em deixar tudo bem explicado, mostrando que se conhece o básico para saber fazer perguntas, mas com necessidade de se aprofundar. Não se pode ficar inibido de perguntar, pois pior é ter dúvidas ao preparar os textos do roteiro. Há casos de entrevistados que não podiam ser entrevistados em uma outra oportunidade, portanto, deveriam ser explorados na única ocasião em que estavam disponíveis para as filmagens. A preocupação em não errar faz com que se ganhe pontos no processo de conquista da confiança da fonte.

Burkett ainda deu outras orientações sobre o procedimento do jornalista durante as entrevistas com especialistas. Um dos pontos principais é informar a fonte com antecedência sobre o que será tratado na conversa, para que o entrevistado possa se preparar.

Portanto, deixe claro com antecedência o que você deseja falar. Isso ajuda seu entrevistado a se aprontar para suas perguntas, algumas das quais, você deve preparar antes da entrevista. Evite colocar perguntas 'fechadas', aquelas que podem ser respondidas com um sim ou um não. As perguntas com saídas abertas não podem ser resolvidas com monossílabos como resposta. Elas trarão mais informação e oferecerão a ambos um prazer

maior pelo encontro. As perguntas fechadas são melhores para obter e verificar fatos específicos: números, horários, locais e datas. (BURKETT, 1990, p.79).

Porém, um dos alertas feitos por Burkett é que se o entrevistado insistir em se manter hostil à entrevista, o melhor mesmo é procurar outra fonte que possa falar sobre o mesmo assunto.

Às vezes, mesmo quando você está preparado, seu entrevistado irá permanecer taciturno, pouco comunicativo e de pouca ajuda. Para o redator de ciência este é o equivalente de uma 'testemunha hostil' de um promotor. Poderá ser preconceito contra jornalistas científicos, poderá ser medo, poderá ser um mau almoço e poderá ser má fé ao aceitar o encontro. Seja qual for a razão, será melhor para o redator procurar outras fontes, das quais há muitas para quase todos os temas. (BURKETT, 1990, p. 79).

Segundo o autor, alguns pesquisadores têm mais experiência no contato com jornalistas, por isso são mais dispostos a falar. Esta diferença pôde ser percebida facilmente entre os entrevistados selecionados para o *Guia*. Aqueles que estavam diretamente envolvidos com o *Grupo para Gestantes*, participando ativamente de todos os encontros com as mulheres, tinham mais desenvoltura nas entrevistas. O entrevistado que mais demonstrou facilidade em se expressar e dar sugestões sobre o trabalho jornalístico, além de participar do curso, também tinha um bom conhecimento dos recursos midiáticos (fotografias, filmagens) e totalmente familiarizado com as inovações tecnológicas, principalmente na área de informática.

Para Burkett (1990, p. 80), com a maioria dos entrevistados o jornalista precisa fazer com que estes deixem de lado as expressões técnicas por uma linguagem mais popular.

Provavelmente terá de encorajar o cientista a abandonar o jargão técnico e partir para uma linguagem mais comum, analogias e explicações. 'Vocês não iriam falar desse modo com sua mãe!', censurou um cientista a seus colegas por usarem linguagem técnica ao explicar seu trabalho a não-cientistas. Naturalmente, você estará em apuros se a mãe tiver um Ph.D. em física. (BURKETT, 1990, p. 80).

De todos os entrevistados consultados para o *Guia do Casal Grávido*, apenas um teve a preocupação contrária, ou seja, em vez de usar uma linguagem comum, visando o público-alvo, utilizando-se de termos técnicos. A entrevistada acreditava, segundo as próprias palavras dela, que deveria usar as expressões corretas, preocupada com os colegas de sua especialidade. Esta atitude da fonte comprometeu completamente o aproveitamento do material gravado com ela, pois a maioria das informações não pode ser aproveitada na edição, porque o público não especializado não entenderia o assunto abordado.

Na época, um simples pedido da jornalista para a fonte se expressar de maneira mais informal teria resolvido o problema. Porém, na ocasião, não se tinha o conhecimento de que poderia encorajar o entrevistado a abandonar os jargões de sua especialidade, como é sugerido por Burkett. Foi uma falha no tratamento com a fonte, pois em nenhum momento da entrevista a especialista foi alertada de que deveria substituir a linguagem técnica por explicações acessíveis ao público não especializado. A entrevista foi se desenrolando sob o comando do entrevistado.

Curiosamente, ao fim da entrevista, a própria entrevistada comentou que deveria ter usado outro tipo de discurso, e até lamentou ter direcionado a entrevista para o âmbito científico. Quando ela se deu conta de que tinha utilizado muitos termos técnicos, justificou-se, embora tardiamente. Disse que preferiu ser precisa nos termos científicos porque não queria que outros especialistas de sua área a considerassem pouco capacitada sobre o assunto.

O estrago que esta falta de comunicação gerou foi o aproveitamento de poucos trechos da gravação. A entrevistada teve a preocupação que especialistas entendessem suas palavras, quando na verdade quem tinha que entender era o cidadão comum. O assunto por ela explanado teria um espaço maior no vídeo, mas acabou reduzido por ter pouca informação aproveitável para o

material. Uma das soluções para corrigir este erro, seria regravar a entrevista, todavia, até isso não foi possível. A fonte concedeu a entrevista na única meia hora que tinha disponível, às vésperas de sua mudança da cidade de onde o vídeo foi produzido, para outra, no nordeste brasileiro.

O caso relatado acima também serve para ilustrar como o fator tempo, pode comprometer o trabalho jornalístico. O tempo é uma preocupação tanto dos jornalistas, por ter seus prazos para concluir os trabalhos, quanto do entrevistado, que não tem tantas horas vagas.

Um bom entrevistador tenta não tomar mais tempo do que o necessário de um entrevistado. Você sempre pode voltar, com sua reputação provavelmente melhorada. Assegure-se de que tem os números do escritório e da casa do cientista de modo que possa telefonar-lhe para verificar fatos, citações e perspectiva - e preencher em sua história os claros deixados por perguntas que esqueceu de perguntar ou respostas que não compreendeu inteiramente. Oferecer-se para fazer isso pode evitar de se ouvir a desagradável solicitação de 'ler a história para verificar a precisão, quando tiver terminado'. Poucas organizações permitem que uma fonte leia matérias, histórias, scripts terminados ou assistam com antecedência a uma matéria em fita ou filme. (BURKETT, 1990, p. 80).

Como o tempo do entrevistado é um artigo de luxo, novamente conclui-se sobre a importância de chegar na entrevista com uma pauta definida, com uma base sólida de conhecimento sobre o assunto e com o entrevistado já sabendo sobre os rumos que a entrevista pode tomar, para que ele também possa se preparar. O entrevistado não sente segurança com alguém que lhe faz perguntas completamente descabidas sobre o assunto. Outra vantagem de se informar previamente, como lembra Burkett é não só tomar menos tempo do entrevistado, como também fazer com este pouco tempo seja mais aproveitado, com questionamentos que realmente sejam fundamentais para a produção do material.

Por causa de seu tempo frequentemente limitado, os médicos apreciam o tempo que você passa pesquisando o tópico de matéria específico antes de começar uma entrevista. Essa pesquisa inclui ampla leitura de enciclopédias médicas assim como artigos específicos de periódicos ou estudos de casos. Um dos cursos mais úteis que um redator médico iniciante

pode fazer é o curso de terminologia médica, disponível em muitas universidades para estudantes pré-médicos e de enfermagem. Será de grande ajuda ao conversar com médicos e traduzir artigos médicos. (BURKETT, 1990, p. 161).

Para Burkett o fato de saber que o jornalista está bem informado faz com que o entrevistado seja prestativo durante as entrevistas.

Os cientistas temem tanto a legendária ignorância dos jornalistas que mesmo uma preparação e conhecimentos modestos pode evocar uma dose de boa vontade incomum numa fonte. Os cientistas esperam ter de explicar seu trabalho para os que não são da área, mas é demais pedir-lhes que eduquem um redator desde o início. (BURKETT, 1990, p. 79).

O que também influenciou, de forma considerável, o comportamento simpático dos especialistas do *Grupo de Gestantes* durante as entrevistas, é que sabiam da participação da jornalista no *Curso para Gestantes* promovido por eles, ou seja, havia uma formação básica sobre o assunto.

Muitas vezes, é depois das gravações, quando se está fazendo a decupagem, ou roteiro, ou edição, que surgem novos questionamentos sobre o assunto. Como não se pode levar dúvida ao público-alvo, deve-se esclarecer o ponto duvidoso antes de finalizar o material. Para fazer o *Guia*, houve momentos em que os entrevistados foram contatados novamente para elucidar pontos obscuros do assunto. Eram anotados os dados que pudessem facilitar novos contatos com as fontes, como nomes completos, números dos telefones de casa e do trabalho, e-mails, além de que todas as pessoas trabalhavam no mesmo ambiente, o Hospital Universitário.

Um caso bem particular ocorreu com um dos entrevistados. Ele concedeu duas entrevistas. Na primeira não foi possível abordar todos os assuntos de sua especialidade. Portanto, a segunda entrevista não foi realizada em seguida. O especialista fez uma viagem de férias,

portanto cerca de um mês foi o intervalo de uma entrevista para a outra. Burkett (1990, p. 80) ressalta que especialistas não vêem incômodo em serem procurados para esclarecer dúvidas, e isso também foi constatado nos entrevistados do *Grupo de Gestantes*. É comum perceber que não se entendeu determinado ponto da conversa apenas quando vai rever as gravações, assim como, no meio de tantas perguntas, o jornalista corre o risco de esquecer de fazer alguma.

Apesar de no *Guia* os entrevistados não terem solicitado ver o material, Ribeiro (2001, p 17) acredita que todo jornalista deveria submeter seu material à consulta da fonte, porque é normal o jornalista se enganar. Ao mesmo tempo, ele considera que a parceria entre jornalista e fonte, que ele chama de "consórcio", é fundamental para a qualidade na divulgação científica.

Sucupira (apud AGUIRRE, 1989, p.58-59) faz lembrar que não depende só do jornalista o bom relacionamento com a fonte. O especialista também deve receber em sua formação a conscientização da importância da comunicação com as pessoas, do relacionamento aberto com a comunidade. O autor diz que para a educação do cientista

[...] é necessário considerar o fato ciência no contexto da existência social e suas implicações para a vida humana. Precisa-se estimular uma atitude crítica na avaliação da natureza e dos fins do trabalho científico, assim considerar as responsabilidades ético-sociais que devem orientar as atividades dos homens da ciência.

O autor acrescenta ainda que na sociedade pós-industrial (ou da informação), com a valorização da informação, o cientista é um profissional consciente da importância da divulgação científica para a diminuição dos riscos desta sociedade, para a legitimação da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida da população. (SUCUPIRA apud AGUIRRE, 1989, p. 59). Esta seria uma explicação para o fato de os profissionais do Grupo de Gestantes do HU serem conscientes desta importância.

Abramczyk (1988, p 17) ressalta que para haver uma melhora no relacionamento entre

jornalistas e especialistas durante as entrevistas, o recomendável seria a realização de estágios para jornalistas em instituições científicas, pois o jornalista teria o contato com o fazer científico, compreendendo melhor este universo; e o cientista teria o contato com o fazer jornalístico. Esta orientação, segundo ele, foi defendida já em 1982, no *4º Congresso Ibero-americano de Jornalismo Científico* e *1º Congresso Brasileiro de Jornalismo Científico*, onde o público participante era 40% de profissionais e 60% estudantes.

Machado (apud ABRAMCZYK, 1988, p. 22) diz que, depois de todas as tentativas, se o cientista não tiver boa vontade em atendê-lo é melhor desistir, porque com certeza este entrevistado não irá fornecer um bom material sobre o tema. Porém, também acredita que o jornalista deve fugir daqueles que procuram à mídia, pois podem estar mal intencionados. Segundo ele, o entrevistado ideal é aquele que não procura o jornalista, mas quando é procurado, atende bem.

6.1.3 Interesses

Na época em que foram feitas as gravações do *Guia do Casal Grávido* já se tinha uma noção básica, assimilada durante o curso de graduação em Jornalismo, que o jornalista sempre deve tomar cuidado com os interesses da fonte. Nem sempre ela é neutra ou voltada para as necessidades da coletividade, podendo passar informações que a ajudem atingir objetivos pessoais. No entanto, após a pesquisa para este estudo de caso, verificou-se que o jornalista deve prestar atenção aos interesses envolvidos nas declarações das fontes, principalmente quando se trata de informação que pode interferir no estado de saúde do cidadão.

Ao lidar com a Ciência, o jornalista tem que, previamente, conscientizar-se da natureza humana desta.

Como em qualquer outro empreendimento humano, as fraquezas dos cientistas transparecem ocasionalmente: ambição, fraudes, plágio, roubo, ameaças, arrogância, medo e preconceito. Por trás dos relatórios de pesquisas encontram-se exemplos de coragem física e moral, trabalho sob condições impossíveis e assustadoras, e esperteza. Isso também é assunto para os escritores de ciência, um material que podem desenterrar com trabalho e imaginação. Todas essas coisas, em conjunto, compõem um lado humano da ciência que os cientistas, na prática, preferem, em muitos casos, esconder, tal como faziam seus predecessores – sacerdotes e magos – que se apoiavam no mistério para dominar as multidões que não pertenciam ao seu grupo. (BURKETT, 1990, p. 11)

O autor lembra que o trabalho científico é feito por humanos, por este motivo também está passível de erros, assim como o trabalho do jornalista na divulgação científica. Muitos pesquisadores, por exemplo, valorizam a opinião de seus pares, assim como aconteceu na gravação do *Guia do casal Grávido*, em que uma das entrevistadas falou em linguagem técnica porque estava preocupada com o que os especialistas de sua área iam pensar sobre suas declarações, ignorando completamente o caráter didático do material. Dunwoody e Ryan (apud BURKETT, p. 13) elucidam um pouco mais este fenômeno.

A crítica dos colegas, inclusive no que tange à publicação de uma pesquisa individual numa revista de renome, continua sendo a primeira prioridade do cientista. Aumentar a compreensão pública da ciência lhes confere poucas recompensas materiais.

Burkett enfatiza que, especialmente na Medicina, nada influencia mais os especialistas quanto à relação deles com os demais profissionais de saúde, motivo pelo qual a fisioterapeuta entrevistada para o *Guia* tenha esquecido de falar para o público não especializado.

Os clínicos compõem um dos mais complexos subconjuntos da comunidade médica. São sujeitos a mexericos, observações, engodos, inveja, admiração e assim por diante, através de toda a gama de emoções. Praticam individualmente e em grupos, temas que podem tornar uma leitura fascinante para um público dependente deles para assegurar a própria vida. (BURKETT, 1990, p. 164).

Um dos perigos que foi apontado por Burkett (1990, p. 200) é que um contato

prolongado com as fontes pode levar os jornalistas a um pensamento não crítico e afastá-los de outros pontos de vista sobre o mesmo assunto. Porém, quando se trata de uma parceria com os especialistas, como foi o caso do *Guia do Casal Grávido*, constrói-se uma proposta educativa, já com os conteúdos definidos. O *Grupo de Gestantes do HU* defende, por exemplo, a adoção do parto natural, deixando as intervenções cirúrgicas, como a cesareana, para casos específicos e estritamente necessários. Este incentivo ao parto natural faz parte inclusive de uma política mundial de saúde para a redução dos partos cesáreos, cujos números são considerados alarmantes pela Organização Mundial da Saúde. Portanto, o material, assim como outras campanhas preventivas de saúde, exige do jornalista um relacionamento de confiança com os parceiros, de quem serão obtidas as informações.

Para este tipo de projeto didático, as fontes científicas estão cada vez mais abertas, ou seja, os especialistas estão passando a se interessar pela divulgação científica. "A disseminação do conhecimento científico parece, finalmente, ter se tornando uma bandeira dos próprios cientistas" (CALDAS, 2002).

Bueno (2002) também verifica uma mudança no comportamento dos médicos, em particular, que passaram a se abrir para a mídia, mesmo quando o assunto mostra as imperfeições do sistema de saúde. O autor avalia que o fim do protecionismo vem da necessidade de recuperar uma imagem que já está desgastada. Assim como a mídia expõe o lado obscuro dos profissionais da saúde, também pode ajudar a reerguer o prestígio destes. Para o autor, a imagem da Medicina só será recuperada se forem tomadas duas atitudes principais:

Reverter a situação atual, com uma autocrítica profunda sobre o ensino e a prática da medicina, com a conseqüente depuração do contingente profissional e valer-se dos modernos processos de comunicação para "limpar" uma imagem que vem sendo conspurcada ao longo dos últimos anos.

Entre as mudanças de conduta apontadas por Bueno, está a necessidade de os profissionais da saúde modificar o relacionamento com os pacientes, privilegiando a saúde e não a doença, cuidando das pessoas antes que elas adoeçam, por meio de medidas preventivas. O comportamento registrado por Bueno, condiz com a postura dos profissionais que participaram das gravações do vídeo para gestantes. O interesse deles em fazer a divulgação vinha da necessidade de se disseminar medidas preventivas às gestantes, para que estas evitem certas complicações durante a gravidez, o parto e o pós-parto.

Outro interesse do grupo de gestantes em propagar suas informações é livrar o público de crenças infundadas e superstições, levando às gestantes a informação precisa e confiável. Segundo Caldas (2002), os cientistas de um modo geral estão preocupados com as informações divulgadas por o que alguns autores chamam de pseudocientistas.

Paralelamente à conscientização dos pesquisadores e dos dirigentes da área de C&T sobre a relevância da divulgação, verifica-se uma invasão maciça da pseudociência -- assuntos místicos e esotéricos --, na mídia mundial e na brasileira, em particular. Este fenômeno, que certamente vende jornais, está preocupando cientistas do mundo inteiro. Por que isto ocorre? Talvez porque, durante muito tempo os cientistas acharam que seus papers deveriam ser divulgados apenas nas revistas científicas. Trata-se, agora, de uma corrida contra o tempo para tentar reverter esta situação, que faz com que o povo termine sendo 'educado' com mais informações da pseudociência do que sobre a própria ciência. (CALDAS, 2002).

Bueno também compartilha da opinião que o fechamento dos cientistas à divulgação científica também acaba dando margem aos pseudocientistas disseminarem suas teorias.

Neste novo paradigma que se desenha, forçado pela dinâmica da sociedade e pela mundialização da cultura, é preciso respeitar as novas propostas, ouvir os novos profetas e aprender com eles uma nova maneira de se relacionar com o seu público. O discurso fechado, corporativista, e a frieza do especialista diante dos problemas pessoais dos pacientes só contribuirão para empurrá-los (os pacientes) em direção a conteúdos místicos, aos templos evangélicos e aos charlatões que exorcizam males em troca de uma nova forma de dízimo moderno. (BUENO, 2002).

Os especialistas entrevistados para o *Guia*, por exemplo, tinham grande preocupação em incentivar as gestantes a quebrar tabus, preconceitos e superstições em torno do processo da gravidez. Eles queriam passar a informação médica correta, segura e precisa para impedir que as gestantes fossem influenciadas por mitos, simpatias, medos e idéias mágicas sobre a gestação, que muitas vezes são transmitidas de geração para geração.

Os profissionais do Grupo de Gestantes comportavam-se como sugere Bueno, de que os médicos deveriam “[...] descer sem vaidade de seu pedestal para se ombrear com o homem comum e entender as suas angústias, num processo de comunicação horizontal que é sempre mais eficiente”.

Cosme (2001, p. 101) já não acredita que os especialistas estejam interessados na divulgação científica, considerando raros aqueles que o façam. “No geral, mesmo no meio dos profissionais que o exercitam, ainda não há uma consciência clara da importância social do JC”.

Se raridade ou não, esta conscientização da importância da divulgação científica se fazia presente entre os profissionais do *Grupo de Gestantes do HU*. Neste grupo de profissionais de diferentes especialidades o interesse era a instrução do público. Todos se mostravam conscientes da importância social da divulgação, tanto que o próprio grupo realizava um trabalho educativo e de divulgação da informação médica aos participantes das reuniões. Todos já tinham o hábito de usar uma linguagem coloquial durante os encontros e isso não mudou nas gravações das entrevistas.

Para Cisneros, um grande avanço já é o especialista se conscientizar de seu papel na popularização do conhecimento científico.

Quando el científico en cambio, comprende como parte de su responsabilidad hacer partícipes del conocimiento a todo ser humano que se interese por ello, además de adoptar una actitud acorde con uno de los derechos humanos, muestra su elevada calidad y madurez como persona conciente de lo que posee y de la proyección benéfica para lograr mejor calidad de vida en los demás. (CISNEROS, 1991, p. 98).

6.2 Captação das imagens

Durante as entrevistas com os especialistas era possível fazer o levantamento das imagens que deveriam ser obtidas para ilustrar e tornar ainda mais claras as informações repassadas pelos entrevistados. Eles mesmos davam sugestões e já encaminhavam o agendamento das gravações. Como a maioria das imagens era feita no hospital, principalmente na maternidade, havia todo um procedimento a ser seguido, ou seja, não se podia simplesmente chegar aos locais e começar a filmar.

Todas as saídas com a câmera eram marcadas com antecedência, após serem feitos os contatos com os responsáveis pelo setor onde as imagens seriam feitas. Como exigência do Comitê de Ética da Universidade, se as imagens envolviam freqüentadores do ambiente (pacientes, gestantes, recém-nascidos, parturientes, entre outras), antes de fazer qualquer imagem era necessário entregar um formulário explicando o trabalho e pedindo a autorização para realizar as gravações. Caso a autorização não fosse consentida, a imagem deveria ser captada com outra pessoa. A livre circulação, principalmente na maternidade, também não era permitida em função das normas de segurança existentes no local. A preocupação com a fuga de pacientes, seqüestro de recém-nascidos, entre outras, faz com que cada pessoa presente no local seja devidamente identificada, supervisionada e acompanhada.

A privacidade das pessoas não pode ser invadida, como lembra Burkett (1990, p. 190). Assim como estava escrito no formulário preenchido pelas pessoas filmadas, o autor também afirma que o cidadão pode dar consentimento à entrevista, mas depois mudar de idéia sobre tornar públicas suas declarações ou imagens. Se não conseguir convencer a fonte a reconsiderar, precisará de outra fonte. Este é o princípio ético que deve nortear o contato com a fonte.

Antes de ser dado início às filmagens, pelo fato de pedir autorização, acreditava-se que as

peessoas não iam aceitar serem filmadas. Até nem era a equipe que fazia as primeiras abordagens com os pacientes, um profissional responsável pelo setor fazia as apresentações e dava as primeiras explicações sobre o trabalho. No entanto, tamanha preocupação em não conseguir a aceitação do público foi desaparecendo à medida que as filmagens avançavam. Ao contrário do que se havia pressuposto, as pessoas não colocavam obstáculos e nem mesmo se negavam a aparecer nas filmagens. Nenhuma das pessoas abordadas teve reação negativa, pediu para não ser filmada ou demonstrou constrangimento pela presença da câmera. Não era nem preciso insistir, todas se mostravam prestativas logo na primeira conversa.

A razão deste comportamento cooperativo do público é principalmente o interesse crescente das pessoas em informações científicas, principalmente na área da saúde. Outro agente facilitador é o modo como é estabelecido o diálogo com este público, detalhes que serão relatados seguir.

6.2.1 Interesses do público

No que diz respeito ao bom relacionamento da equipe de reportagem com o público, a explicação está relacionada com o interesse da população em assuntos científicos, como têm revelado pesquisas sobre o assunto. "O público brasileiro dos meios de comunicação de massa (rádio, televisão, jornal e revista) demonstra um especial interesse em matérias jornalísticas de ciência com destaque para aquelas que são voltadas para a área da saúde." (FERREIRA, 1999, p. 81).

Caldas (2002) cita a pesquisa feita pelo Instituto Gallup.

O interesse genuíno da opinião pública pela ciência já foi constatado no Brasil desde 1987 com a pesquisa do Instituto Gallup. Num universo de 2.892 pessoas entrevistadas, 70% mostraram interesse por C&T disseram que as informações veiculadas na mídia eram

insuficientes e defenderam a ampliação dos investimentos em ciência do Produto Interno Bruto (PIB), para 5%, bem mais do que os países desenvolvidos, que aplicam cerca de 2 a 3%. Ainda hoje, uma década depois, esses recursos ainda representam 0,8% do PIB. O Ministro da C&T, Israel Vargas vem anunciando que até o final do governo de Fernando Henrique Cardoso essas verbas serão praticamente duplicadas, passando a 1,5% do PIB.

Bueno (1988, p. 3) mencionando a mesma pesquisa, lembra que o interesse da população em Ciência é tanto que, 21% dos entrevistados chegavam a citar o nome de pelo menos um cientista brasileiro. A pesquisa foi encomendada pelo Museu de Astronomia e Ciências Afins do RJ, em parceria com CNPq/MCT (Ministério da Ciência e Tecnologia).

Para Burkett (1990, p. 38) existem três motivos centrais que levam o público a se interessar tanto por informação científica. O primeiro deles é a busca de informação que satisfaça as necessidades de sobrevivência deste público.

O que buscam esses leitores e espectadores na ciência? Os psicólogos relacionaram, vários níveis de 'necessidades' que as pessoas buscam satisfazer através dos veículos de comunicação de massa. Em um nível, os veículos ajudam a preencher as necessidades de sobrevivência. Para qualquer organismo, assegurar o alimento, o abrigo, e o sexo é básico.

Uma segunda razão está relacionada com aquele tipo de público que já satisfaz suas necessidades básicas de sobrevivência e quer simplesmente melhorar a qualidade de vida.

A maioria das pessoas, que são grandes consumidores dos veículos de comunicação, já resolveu suas necessidades básicas de sobrevivência raramente têm que se perguntar de onde virá a próxima refeição. Entretanto há muitas necessidades além da sobrevivência. Manter ou melhorar a qualidade de sobrevivência ocupa posição de destaque na relação dessas necessidades. Maneiras de obter alimento melhor, moradia melhor, saúde melhor e sexo melhor, como foi relatado por pesquisadores científicos, têm aplicação imediata ou gratificam muito a vida das pessoas. (BURKETT, 1990, p. 38-39).

Uma terceira razão que leva o público a buscar a informação científica é a necessidade de entretenimento.

As notícias científicas ajudam a satisfazer outra necessidade humana: a necessidade de diversão, variedade - entretenimento. O novo conhecimento preenche essa necessidade. A teoria da evolução de Charles Darwin, as fotografias com raios X de Roentgen e as visões acerca do universo de Albert Einstein capturaram as imaginações, proporcionaram conversas e estimularam o pensamento - não importa quão equivocadas - porque ofereciam idéias novas. As novas descobertas sobre o mundo natural em geral, quando suficientemente significativas, satisfazem uma sede de conhecimento da espécie humana. (BURKETT, 1990, p. 39).

Beck (apud COSME, 2001, p. 25) explica que o crescimento do interesse das pessoas em ciência se deve à necessidade que estas têm em querer aprofundar o conhecimento com o objetivo de fazer as melhores escolhas, ter as situações sob seu controle, saber ao menos o que devem evitar, desde o tipo de alimentação mais adequado à sua saúde até quantas xícaras de café pode tomar por dia.

Fouréz (apud COSME, 2001, p. 32) enfatiza que a vulgarização científica serve para fornecer às pessoas um conhecimento que se pode traduzir em poder de escolha. Desta forma, a população não fica à mercê dos especialistas.

A experiência vivida na realização do *Guia do Casal Grávido* só vem a confirmar as afirmações feitas acima pelos pesquisadores. O público abordado manifestava total interesse nos assuntos abordados pela série. As pessoas queriam expor suas dúvidas, fazer perguntas, conhecer o assunto em questão, exatamente para ter em mãos o poder de escolha. Só para fins de exemplificação, as mulheres queriam saber a diferença entre parto normal e cesáreo, qual deles era o mais indicado, ou o que oferecia menos riscos. Saúde está diretamente ligada ao risco, característica citada por Beck como o que direciona as ações de nossa sociedade atualmente. As pessoas querem fazer a melhor escolha e para isso estão buscando se informar.

Ao serem abordadas pela equipe de reportagem queriam falar sobre suas questões e histórias pessoais, a fim de solucionar seus problemas, esclarecer suas dúvidas, para que os

especialistas, ao responderem, os ajudassem a amenizar suas inquietações. Nenhuma pessoa rejeitou gravar entrevista ou colaborar com o trabalho. Todas aceitaram ser filmadas e entrevistadas. Ao serem questionadas sobre o interesse em apoiar o projeto, manifestavam uma conscientização clara de que sua história poderia ajudar outras pessoas a resolverem problemas semelhantes.

O contato com os participantes do grupo de gestantes, assim como pacientes da maternidade, revelou outro detalhe interessante. As mulheres não querem mais acreditar nas superstições e conselhos dados por mães e avós sobre os cuidados durante a gestação. Isso mostra o interesse em se atualizar, em conhecer o novo e principalmente não ter medo dele. O conhecimento passado por ancestrais não é mais suficiente, as pessoas estão em busca da informação correta.

6.2.2 Diálogo com o público

O modo de abordar o público, valorizando sua participação no processo de produção do material jornalístico, também é um dos fatores que influencia no sucesso das filmagens. Rigotti (2001, p. 183) faz uma proposta de comunicação pública que possa ser aplicada na implantação de projetos comunitários. Neste estudo, a pesquisadora constatou a importância do relacionamento entre os participantes de um projeto universitário voltado à comunidade e os membros desta comunidade.

O mesmo se encaixa ao projeto em vídeo para gestantes. Não seria possível descobrir as necessidades e dúvidas do público-alvo e nem conseguir as filmagens para a produção do material, se não fosse estabelecida uma relação de confiança entre a equipe de jornalismo e os entrevistados. Mais do que confiança, houve a preocupação de valorizar a participação do público, que se sentia útil em colaborar. As pessoas, no contato prévio às filmagens, eram conscientizadas sobre a importância de sua participação, ou seja, que elas poderiam, contribuindo com aquele trabalho, ajudar outras pessoas

a solucionar suas dúvidas sobre o assunto. O público-alvo deve ser valorizado tanto quanto o cientista, pois os médicos têm as respostas, mas são os pacientes que tem as perguntas.

Como ressalta Rigotti (2001, p. 183)

[...] uma comunidade não pode, jamais, ser tratada como mero objeto de pesquisa; (...) o homem precisa ser tratado como sujeito livre e esclarecido, que não deve ser utilizado, apropriado, nem excluído, mas, sim, respeitado em todos os seus valores, hábitos e costumes, tanto individuais quanto coletivos.

Para a autora, deve haver comunicação para unir universidade e comunidade, em uma relação baseada na ética. Na época em que o *Guia* foi produzido, as exigências do Comitê de Ética pareciam exageradas, todavia, como afirma Rigotti, um comportamento ético com relação ao público, faz com que este colabore voluntariamente com o trabalho. Em sua pesquisa sobre a implantação da maricultura em Penha por uma universidade, ela verificou que a falta de diálogo com a comunidade local comprometeu a implementação do projeto, porque as pessoas não foram consultadas e criaram uma imagem negativa da universidade.

A Univali, no imaginário dos pescadores, passou a ser uma empresa que não procurou o pescador do lugar. Os problemas que ocorrem hoje na relação universidade-comunidade têm uma ligação direta com a implantação do projeto e a falta de uma proposta de comunicação pública. Não somente a imagem da Univali é negativa para os pescadores, como a imagem dos pescadores é negativa para os pesquisadores. (RIGOTTI, 2001, p. 187).

Analisando as afirmações acima, conclui-se que, na produção do *Guia*, gestos como pedir a autorização para as filmagens, explicando a natureza do trabalho, salientando a importância da participação do público e apresentando o formulário em que a pessoa deveria confirmar o consentimento das gravações, foram fundamentais à colaboração voluntária e comportamento amigável das pessoas abordadas nas filmagens.

Durante as entrevistas com pacientes na maternidade e também gestantes, houve a preocupação em estabelecer um diálogo em linguagem coloquial, para atingir as diferentes classes de

público. Além da importância dada à fonte, de consultá-la para saber de seus interesses sobre o assunto, e de pedir ajuda para guiar o trabalho segundo os anseios do público-alvo, a abordagem também foi feita de forma clara, direta e objetiva para não confundir e tornar a fonte desconfiada sobre as intenções da equipe, com explicações e perguntas simples, usando de um vocabulário que pudesse ser compreendido pelo público de um modo geral. Perguntas difíceis e palavras incompreensíveis geram desconfiança, desinteresse, e o público se sente inferiorizado.

Assim como destaca Bueno (1988, p. 1), espera-se do jornalista que trabalha com divulgação científica, que seja um profissional comprometido com a maioria da população e esteja interessado em tornar os cidadãos participantes do processo geral de tomada de decisões de caráter científico e tecnológico. Por este motivo, é fundamental manter um diálogo aberto e amigável com a população, pois dela depende o andamento de qualquer trabalho jornalístico. No vídeo para gestantes de nada adiantaria fazer as entrevistas com os profissionais de saúde se não houvesse nenhuma mãe que deixasse filmar o momento da amamentação ou alguma mulher que permitisse a gravação de seu parto.

Cunha (1991, p. 17) acrescenta ainda que um trabalho educativo, para atingir seu objetivo, deve utilizar de estratégias para a aproximação com o público-alvo, podendo chegar ao ponto de o jornalista freqüentar reuniões de associações de moradores, participar de debates, entre outras atividades para conquistar a simpatia da população. Segundo a autora, esta conquista do público é que promove a sua colaboração com o trabalho do jornalista.

7 A EDIÇÃO

Depois de coletar toda a informação vinha a difícil tarefa de editar o material,

transformando todas as gravações brutas em um programa educativo em vídeo. Apesar de ser trabalhosa esta etapa do trabalho, ela torna-se viável desde que as etapas anteriores tenham sido realizadas de forma correta. Tudo começa na pauta, com a escolha dos assuntos, das fontes, depois as gravações de imagens e entrevistas, se até aí tudo correu bem, agora é sentar, selecionar o material e dar o arremate.

O que direciona a edição é em primeiro lugar a decupagem de todo o material. Sem isso a dificuldade em encontrar os trechos das entrevistas e as imagens desejadas inviabilizaria a produção de um trabalho de grande volume de informação como o *Guia do Casal Grávido*, dentro dos prazos. Foram gravadas oito fitas, com mais de duas horas cada uma, além de outros materiais em vídeo cedidos pelos profissionais entrevistados.

Outro ponto relevante é elaborar um roteiro completo e preciso, o que também agiliza o trabalho de edição, tendo em vista que ali o editor vai encontrar unicamente os trechos que serão utilizados no produto final, evitando que se perca muito tempo revendo o material editado para fazer novos cortes.

Por último, vale destacar que o jornalista deve estar disposto a fazer modificações e correções no material, tudo em prol da qualidade do trabalho final. Por este motivo, um dos itens abordados neste capítulo será o detalhamento do trabalho de edição do programa piloto, que foi totalmente modificado de seu formato inicial, para servir de modelo aos outros três programas da série (o Guia foi dividido em quatro programas com aproximadamente 12 minutos cada um). As mudanças sugeridas e o porquê da necessidade destas alterações nos fazem entender que a informação científica deve ser sempre bem explicada, porque a maioria das pessoas não consegue assimilar a complexidade dos temas científicos.

7.1 Seleção do material

A escolha do material que será utilizado no vídeo já começa na decupagem das gravações brutas. A experiência em outros materiais em vídeo mostra que, para não se passar muito trabalho para editar um vídeo, era preciso tomar duas simples medidas: decupar detalhadamente o material gravado, logo que se voltava das saídas com a câmera, e organizar um roteiro completo.

A decupagem detalhada facilita o trabalho jornalístico em diferentes aspectos. Um deles é a facilidade com que o material é encontrado no momento da edição. Se o jornalista precisa de um bebê chorando, nos registros da decupagem vai se encontrar que aos 2min30s da fita 1, existe um bebê chorando.

Com o objetivo de realmente facilitar o trabalho, na decupagem das fitas gravadas para o guia eram anotados inclusive detalhes sobre a cena, além de marcar a ação ocorrida naquele trecho e o tempo da fita onde aquele fato poderia ser encontrado.

Os tópicos que serão abordados no material praticamente já foram definidos durante as entrevistas e filmagens, no contato com os especialistas e com o público-alvo. Cabe então, após a decupagem do material, escolher os trechos exatos que serão aproveitados e as melhores imagens sobre o assunto, além de construir os textos que serão gravados pelo apresentador do vídeo. Estas decisões são feitas no momento de elaboração do roteiro, outra etapa do processo de edição.

7.2 Roteiro

A forma que se vai dar a um material de divulgação científica, como aponta Burkett (1990, p. 119) é um processo que envolve uma série de escolhas, devendo haver um consenso entre quem

coletou o material e quem vai editá-lo. No Guia, a mesma pessoa que fazia o trabalho de reportagem também era quem editava o material. Porém, o autor destaca que, independente de quem faça este trabalho de seleção, o material básico sobre ciência mostra ao público o "como fazer", ou seja, as pessoas buscam informações que as expliquem o que podem fazer para tomar decisões seguras no seu cotidiano. (BURKETT, 1990, p. 121).

Com esta consciência bem clara, já na época em que o vídeo foi produzido, o roteiro do Guia foi elaborado com o objetivo de contribuir para a prevenção de problemas para gestantes e recém-nascidos.

Os textos feitos para serem gravados e utilizados nos programas da série, seguiam as regras básicas do telejornalismo, com frases curtas, linguagem coloquial, voz ativa e entonação adequada. Como Burkett salienta (1990, p. 122), mesmo se tratando de um assunto científico, a extensão das frases não deveria ser tão longa a ponto de fazer o público dormir.

Mais uma vez também é importante ressaltar a substituição de termos técnicos e os jargões dos especialistas por um vocabulário de fácil compreensão aqueles que não dominam o assunto em questão (BURKETT, 1990. P. 122). O autor também orienta a tomar outras medidas, como citar exemplos, fazer analogias, metáforas, linguagens figurativas, além de utilizar recursos elucidativos, como tabelas e gráficos. O uso das imagens filmadas para o vídeo também facilita a compreensão da mensagem porque mostram os cenários, dá a ambientação recomendada por Burkett (1990, p. 124).

Apesar da necessidade de se utilizar uma linguagem coloquial, Caldas (2002), alerta para que o jornalista, apesar de usar uma linguagem dirigida ao leigo, preze pelo rigor científico na precisão da informação. Quanto à necessidade de tradução ela não contesta: "A decodificação dos jargões técnicos a partir do ponto de vista do leitor é essencial para a elaboração adequada da informação a ser veiculada".

Porém, para Bueno (1988, p 15) não é tão simples utilizar uma linguagem que atinja a maior parte do público, porque não se sabe que linguagem é essa, se é heterogênea ou que público é esse. Para o autor estas questões ainda não foram resolvidas. Apesar desta incerteza sobre o perfil do público, o autor acredita que utilizar um vocabulário simples é dever do jornalista. "Mesmo na área da Ciência, o público quer ler matérias com linguagem acessível, não quer palavra complicada e nem perder muito tempo."

Cosme (2001, p. 92-93) também analisa a importância da escolha adequada da linguagem para a eficácia da mensagem do jornalismo científico, constatando que o problema principal é a tradução dos conceitos. Ao passo que se recomenda usar uma linguagem popular, não se pode ofender o público explicando conceitos como DNA.

O importante, segundo Burkett, é o jornalista mostrar o que, o como, e o porquê de algum processo científico ou médico e sua significação, transmitindo com a máxima precisão possível. É preciso que o jornalista primeiro compreenda os procedimentos passo a passo, com lógica de raciocínio. "Pontos-chave da lógica, processo e procedimentos irão completar o histórico que o seu público irá precisar para compreender seja notícias, seja matérias mais longas", (BURKETT, 1990, p. 72).

O trabalho de construção do roteiro e de edição também deve seguir todos os cuidados necessários para evitar a distorção das informações. Nesse sentido, Burkett (1990, p. 97-104) faz algumas recomendações ao jornalista científico. A primeira delas é utilizar apenas informações que já foram comprovadas e testadas, para que não se esteja incentivando o público a fazer algo de que ainda não se tem certeza das conseqüências. Um segundo ponto é sempre contextualizar o assunto, para que o público tenha noção da importância do tema. Ainda dentro dessa ótica, ele orienta para que o jornalista use de sua intuição para constatar se uma informação deve ou não ser utilizada no material

que será veiculado ao público. Ele usa o exemplo de que levaria anos para levantar todos os efeitos do lixo tóxico em uma região, mas não é preciso chegar ao fim das investigações para se ter certeza que as conseqüências serão realmente desastrosas.

O mesmo critério, mesmo sem ter o conhecimento desta teoria de Burkett, foi utilizado para selecionar alguns tópicos da série em vídeo para gestantes, como a recomendação da amamentação, por exemplo. A ciência ainda não chegou à conclusão de todos os benefícios que o aleitamento materno traz para o ser humano, assim como também não se tem certeza das conseqüências negativas que a falta deste alimento pode fazer ao ser vivo, mesmo já na idade adulta. Porém, por todas as particularidades do leite materno, seus nutrientes e substâncias únicas, não é preciso se chegar a uma investigação completa sobre o assunto para recomendar que todas as mães amamentem seus filhos pelo menos até os seis meses de idade, devendo este prazo ser estendido até os dois primeiros anos de idade da criança.

Para Burkett, a distorção também pode ocorrer por simples omissão do jornalista. Falta de espaço e tempo, ou puramente ignorância ou preguiça, não devem servir de pretexto para não se corrigir uma informação verificada como incorreta, pois justamente esta informação pode ser vital para a mensagem que se quer transmitir. Um caso de distorção, por mera distração, ocorreu durante a gravação dos offs para o programa sobre parto da série em vídeo. Ao destacar qual parto seria o mais adequado à gestante, trocou-se a palavra vertical, por horizontal, invertendo completamente o sentido da mensagem. Ao perceber tal equívoco, que nem chegou a ser proposital, este off teve que ser regravado, pois a simples troca de uma palavra por outra modificou a recomendação que deveria ser dada às gestantes. Um erro gravíssimo, que deve ser corrigido, mesmo depois de o trabalho completamente finalizado. Burkett lembra que o material deve prestar serviço, mas não dar conselhos obsoletos ou desencaminhadores.

Outro detalhe importante é que a informação deve orientar o público, mas ao mesmo tempo sem levantar alarme e nem mesmo assustar as pessoas (BURKETT, 1990, p.229). No *Guia* foi repassada a informação de que as mulheres devem preferir o parto normal, que apresenta menos riscos. Em contrapartida não se pode assustar aquelas que serão obrigadas a passar pela cesareana.

Além da estruturação dos textos, nesta etapa do trabalho são selecionados os trechos das entrevistas e as imagens que serão utilizadas no produto final. Cada passo do programa em vídeo era registrado no roteiro, com tempo de duração, deixas iniciais e finais, para facilitar o trabalho de montagem.

E mesmo seguindo todos os cuidados na construção dos textos, na seleção do material e na reestruturação do roteiro, o primeiro programa editado, praticamente um piloto, teve que ser totalmente reformulado.

7.3. O piloto

O primeiro programa da série que foi editado teve como tema a amamentação, pois era o único assunto sobre o qual já tinham sido feitas todas as entrevistas e filmagens. A idéia inicial foi montar um vídeo sem que aparecesse um apresentador, colocando apenas os depoimentos dos entrevistados e intercalando com offs curtos, o que era uma tendência da época. Havia certa fobia em colocar o repórter no vídeo. Além disso, também era um modismo fazer documentários em que apenas os entrevistados falavam, como se estivessem dando um depoimento sobre o assunto.

O material ficou poético como um relato sobre a vida de algum escritor famoso, como qualquer documentário mais elitizado, porém não ficou educativo, como era a proposta inicial do projeto. Observações foram feitas por todos os envolvidos na equipe de produção e concluiu-se que o

material com propósitos educativos tinha que usar outra linguagem: ser mais didático e explicativo; repetir dados; tornar as informações mais claras para o público. Não basta colocar a palavra na voz do entrevistado e querer que dali as pessoas extraiam o conhecimento de que precisam.

Entre as mudanças, foi adotada a abertura de cada programa com um apresentador chamando o público para acompanhar o vídeo, resumindo brevemente o que seria tratado no programa. As informações dos entrevistados deveriam ser intercaladas não só com offs reforçando e explicando melhor as informações, mas também adotando outros recursos visuais mais didáticos, como quadros informativos, com textos escritos, reforçando as informações transmitidas nos offs.

Depois das transformações realizadas no primeiro programa, este serviu de base para os demais, nos quais foram utilizados os mesmos padrões e recursos. É importante ressaltar, no entanto, que o trabalho de edição foi realizado com o objetivo de persuadir o espectador, direcionando-o para os conceitos transmitidos pelo vídeo, porém sem esquecer do rigor no tratamento da informação.

Embora uma das principais tarefas do jornalista seja a de levar ao grande público as informações em uma linguagem coloquial, para que sejam discutidas e possam contribuir para a conscientização e a formação da opinião pública, o cuidado deve ser redobrado quando o assunto em questão está relacionado à 'ciência'. Isso porque, neste caso, estamos tratando de um assunto extremamente técnico que precisa ser esclarecido com absoluta precisão. (MENDONÇA, 2004).

O autor avalia que desta forma o jornalista estará cumprindo sua função de divulgador da ciência ao público não especializado.

Já para o jornalista, o objetivo será o de cumprir o seu papel com o máximo de eficiência informando, educando, esclarecendo e contribuindo para que assuntos polêmicos e importantes fiquem sempre em evidência e passem a ser discutidos pela população como algo que, mais dia ou menos dia, fará parte da realidade da população brasileira, fazer com que o 'cidadão comum' deixe de lado a idéia de que ciência é algo distante do mundo dos pobres mortais e passe a enxergá-la como algo importante para o desenvolvimento do país e para a melhoria da qualidade de vida da população. (MENDONÇA, 2004).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de relatar as conclusões tiradas com o estudo de caso do *Guia do Casal Grávido*, é importante lembrar que na época em que o material foi produzido, não se tinha todo o conhecimento teórico sobre a divulgação científica, apreendido durante as pesquisas direcionadas à elaboração desta dissertação. Havia sim, um interesse pessoal por assuntos científicos, o conhecimento assimilado durante o curso de graduação em Jornalismo e também a experiência em entrevistar pesquisadores da Universidade, produzindo matérias que divulgavam à população a produção científica da instituição.

Outra observação relevante é que a série em vídeo atingiu o objetivo ao qual foi proposto, que era o de ser utilizado como material didático. O vídeo passou a ser utilizado nas aulas do *Curso para Gestantes e Casais Grávidos* do Hospital Universitário da Ufsc.

Ao avaliar o trabalho desenvolvido por um jornalista na produção de um material didático, verificou-se que este profissional acaba adotando práticas diferenciadas das que está habituado no exercício do jornalismo, específicas quando se realiza trabalhos de natureza instrutiva. Ele continua sendo jornalista, seguindo as regras de apuração da informação, técnicas de entrevista, compromisso com a precisão dos dados, clareza na linguagem, etc. Porém, a mensagem de um vídeo educativo tem que ser persuasiva, convencer o público a adotar as práticas recomendadas pelos especialistas, afinal é um material educativo. Os textos são repetitivos e outros recursos visuais devem ser utilizados, para que a mensagem se firme no intelecto do espectador.

Apesar de não ter uma formação pedagógica, este jornalista que atua em projetos educativos também tem aptidões que o tornam capacitado a produzir materiais didáticos. Pelos princípios da Educomunicação, uma inter-relação Comunicação/ Educação, todas pessoas interagem e

interferem no processo cognitivo das demais. Cada qual contribui com o seu conhecimento. A tendência de projetos multidisciplinares, comandados por grupos de profissionais de diferentes áreas, está se firmando na sociedade contemporânea.

Este tipo de trabalho é importante para o contexto atual do mundo, porque as pessoas estão em constante processo de aprendizado. Nesta sociedade da informação, o acesso à informação resulta em poder de escolha, portanto os jornalistas devem trabalhar em prol da democratização do conhecimento. Todas as pessoas devem ter o mesmo tipo de acesso ao saber, para que todas tenham as mesmas oportunidades de escolha. A sociedade contemporânea está em constante e acelerada mudança, portanto, para que a população possa acompanhar este ritmo, só garantindo a todos o direito de se informar, para que possam julgar as ações dos governos, instituições, entidades e lideranças que interferem na qualidade de vida da sociedade. As vias de educação informal são as responsáveis por fazer as pessoas compreenderem e acompanharem as modificações bruscas e velozes da ciência, tecnologia, entre outras.

Outro aprendizado extraído deste estudo de caso é que para se fazer um projeto de natureza educativa torna-se imprescindível formar parcerias, desde que o grupo de profissionais formado seja capacitado e que todos tenham o objetivo comum de popularizar o conhecimento. Volta-se a frisar que, as equipes multidisciplinares é uma tendência que já começa a ser implantada nas instituições de ensino e em grupos de educação informal.

O fortalecimento do vínculo com as fontes também é outra prática importante do jornalista, tendo em vista que o relacionamento jornalistas e especialistas é o calcanhar de Aquiles da divulgação científica. O bom relacionamento com os entrevistados reduz os conflitos com as fontes, os riscos de manipulação e de veiculação de interesses pessoais, entre outros. Tanto especialista quanto jornalistas devem andar juntos, em uma mesma direção, em trabalho cooperativo, para que o produto educativo

seja de qualidade.

Constatou-se ainda que prática e teoria devem ser aliadas na execução de trabalhos educativos. Alguns dos problemas surgidos durante a produção do *Guia* poderiam ter sido solucionados, se na época estivesse ao alcance todo o conhecimento teórico atual.

Observou-se também que a formação prévia do jornalista, com a participação em cursos e pesquisa aprofundada sobre o assunto do material que vai produzir, é fundamental em casos de produtos didáticos que envolvem temas científicos. A complexidade das informações e a necessidade de não errar exige um grau de conhecimento básico do jornalista, por diferentes motivos. O primeiro deles é ter o embasamento suficiente para extrair do entrevistado o máximo de seu conhecimento. Outra razão de se ter um conhecimento básico sobre o assunto é não se deixar manipular pelas fontes. Um terceiro motivo de se estar sempre bem informado é para garantir a conquista da fonte especializada, tendo em vista que o mal relacionamento com o entrevistado é responsável pela maioria dos entres na produção de um trabalho jornalístico em qualquer área da Ciência.

O jornalista não deve esperar, portanto, profissionais disponíveis e conscientes da necessidade de democratização do conhecimento, como os do *Grupo de Gestantes* do Hospital Universitário. Estes não devem ser tomados como padrão.

Entre as recomendações para se evitar atritos com os especialistas está o que muitos autores já comentaram: informar-se sobre o assunto a ser tratado com o entrevistado, nem que seja preciso participar de cursos; mostrar seriedade nas atitudes e palavras desde o primeiro telefonema ao entrevistado; deixar claro que ele precisa usar um vocabulário compreensível pela população de um modo geral, convencendo-o que isso não significa incorreção na informação. Fazer bom uso do tempo do entrevistado também contribui no processo de conquista da fonte. Porém, se forem tomadas toda estas medidas, e o entrevistado continuar hostil ou persistente nos jargões, como recomendou Burkett

(1990), o jeito é procurar outra fonte que possa falar sobre o mesmo assunto.

Para finalizar, pelo levantamento teórico feito para o estudo de caso, esta atuação do jornalista em trabalhos de divulgação científica educativos ainda é um campo novo, a ser mais explorado pelos profissionais da área. Não se tem idéia de todas as potencialidades e possibilidades de atuação do jornalista no meio pedagógico.

O jornalista que trabalha com a ciência em projetos educativos não deve ser considerado um jornalista científico, mas sim um divulgador da ciência, com uma metodologia de trabalho específica para materiais pedagógicos. Pode-se ainda usar o conceito de educador, ou seja, um profissional que é capaz de aliar a educação e comunicação nos trabalhos que desenvolve.

REFERÊNCIAS

ABRAMCZYK, Júlio. O Jornalismo Científico e a Popularização da Ciência. In: ENCONTRO PARANAENSE DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 1º, 1988, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Concitec, 1988, p. 11-17.

AGUIRRE, Daniel Torrales. Uma proposta: o ensino da disciplina de Jornalismo Científico a nível de graduação. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 89-94.

_____. **O Jornalismo Científico e a educação para uma sociedade pós-industrial**. 1989, 284 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social). Instituto Metodista de Ensino Superior, São Paulo.

BARRERO, Jesus Martin. Entrevista. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 5, n. 15, p. 62-80, maio/ago.,1999.

BERGOMAS, Gabriela. Comunicação/educação na formação profissional. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v.5, n.15, p. 55-61, maio/ago. 1999.

BRANDÃO, Sérgio. Ecologia e os meios de comunicação: ciência ou dogma? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 81-82.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação para a saúde: uma revisão crítica. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 15 maio 2002.

_____ A classe médica vai para a UTI: o Raio X de uma imagem desgastada. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 15 maio 2002.

_____ Entrevista. In: ENCONTRO PARANAENSE DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 1º, 1988, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Concitec, 1988, p. 1-5.

BURKETT, Warren. **Jornalismo científico: como escrever sobre Ciência, Medicina e Alta Tecnologia para os meios de comunicação.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990. 230 p.

CALDAS, Graça. Jornalistas e cientistas: uma relação de parceria. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 15 maio 2002.

CAPOZOLI, Ulisses. ABJC ampliará discussões entre jornalistas e cientistas. Disponível em: www.abjc.org.br. Acesso em: 23 abril 2002.

CAVALCANTI, Fabiane Gonçalves. Jornalistas e cientistas: os entraves de um diálogo. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 13 maio 2005.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Jornalismo, verdade e ética: divulgação científica e confusão informativa. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. p. 47-55. **Comunicando a Ciência.** Florianópolis: ABJC, 2001. 324 p.

COSME, Andréia Catine. **O Jornalismo de Divulgação Científica no Brasil: uma análise de sua atuação numa sociedade de risco.** 2001, 112 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

_____ O Jornalismo de Divulgação Científica no Brasil: uma análise de sua atuação em uma sociedade de risco. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. p. 23-35. **Comunicando a Ciência.** Florianópolis: ABJC, 2001. 324p.

CRÓCOMO, Fernando. Pesquisa Aplicada: um programa de divulgação científica do centro tecnológico da Ufsc. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. **Comunicando a Ciência**. Florianópolis: ABJC, 2001. 324p.

CUNHA, Telma Abreu Gomes da. Formar e informar: a composição ideal para o alcance de um objetivo comum. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 13-18.

FERREIRA, Ricardo Alexino. Ciência em debate: Jornalismo Científico nas ondas do rádio. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 81-86, set./dez.,1999.

GEVERTZ, Rachel. Caminhos e opções da difusão científica via educação não formal. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 109-112.

GIANOTTI, Carlos Alberto Torres. Da criação e da edição de uma revista de divulgação científica no âmbito duma instituição de ensino superior: um depoimento. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 68-71.

HERNANDO, Manuel Calvo. Lineas enerales en programa nationale de difusion de la ciencia al publico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 99-100.

_____ La divulgación científica y los desafios del nuevo siglo. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 13 jun. 2005.

LAGE, Nilson Lemos. O jornalismo no século XXI. Disponível em: www.abjc.org.br. Acesso em: 8 dez. 2004.

LEANDRO, Anita. Da imagem pedagógica à pedagogia da imagem. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 7, n. 21, p. 29-36, maio/ago., 2001.

LEÓN, Bienvenido. **El documental de divulgación científica**. Barcelona: Paidós Ibérica, 1999.

LYRA, Paulo. Atraso e modernidade: de que lado está o Jornalismo Científico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. 120p.

MACEDO, Mônica. Da informação à formação: construindo um jornalista científico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. p. 39-46. **Comunicando a Ciência**. Florianópolis: ABCJ, 2001. 324 p.

_____ et al. Divulgação de saúde na imprensa brasileira; expectativas e ações concretas. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 20 jan. 2005.

MARINHO, Maria Gabriela Martins. Divulgação da informação científica: em busca de um corpus teórico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 7-9.

MARTINEZ, J. P. Jornalismo científico e as novas tecnologias. In: ENCONTRO PARANAENSE DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 1º, 1988, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Concitec, 1988, p. 29-31.

MEDEIROS, Roberto Pereira. Divulgação versus crítica da Ciência: algumas considerações. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 35-36.

MENDONÇA, Eliane. Transformando ciência em notícia: missão e desafio. Disponível em: www.abjc.org.br. Acesso em: 27 set. 2004.

MOURA, Demócrito. Projeto de Jornalismo Científico comprometido com uma iniciação à Ciência para a educação permanente de amplas camadas populares. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 75-76

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2002.

PETRIM, Osvaldo. Debate. In: ENCONTRO PARANAENSE DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 1º, 1988, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Concitec, 1988, p. 32-64.

RIBEIRO, José Hamilton. O Jornalismo científico é jornalismo ou científico? In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. **Comunicando a Ciência**. Florianópolis: ABCJ, 2001. 324p.

RIGOTTI, Genara. Universidade e Comunidade: uma aliança a ser construída. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. p. 13-18. **Comunicando a Ciência**. Florianópolis: ABJC, 2001. 324p.

SABBATINI, Renato. Informação é saúde. Disponível em: www.sabbatini.com/renato/correio/medicina. Acesso em: 23 abr. 2004.

SALVATIERRA, Maristela. La tematica ambiental en la prensa vengoelana. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. p. 101-108.

SAPPER, Sadi Macedo. Jornalismo Científico Agrícola. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 3º, 1991, Santos. **Anais...** Santos: INPE, 1991. 120p.

SILVA, Gislene. A prática do jornalismo e o universo da ciência. Disponível em: www.abjc.org.br. Acesso em: 4 dez. 2004.

SILVÉRIO, Alessandra. Saúde e informação: direitos do povo. Disponível em: www.jornalismocientifico.com.br. Acesso em: 2 fev. 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: um campo de mediações. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 6, n. 16, p. 12-24, set./dez. 1999.

UNIVERSIDADE POTIGUAR. O que é Expocom? Disponível em: www.unp.br/graduacao/cursos. Acesso em: 16 set. 2005.

VOGT, Carlos et al. Conhecimento brasileiro sobre jornalismo científico: inventário preliminar. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE JORNALISMO CIENTÍFICO, 6º, 2001, Florianópolis. p. 77-92. **Comunicando a Ciência**. Florianópolis: ABJC, 2001. 324p.

APÊNDICE A - Ficha técnica da série *Guia do Casal Grávido*

Resumo: Série didática para gestantes, dividida em quatro programas.

Ano: 2000

Duração: aproximadamente 50 minutos

Produção: Janaina Berti

Coordenação: Prof. Dr. Eduardo Barreto Vianna Meditsch

Imagens: Henrique Guião e Ricardo Vieira

Edição: Caio Salles, Marcos Martins, Sinuê Giacomini

Colaboradores: Zaira Custódio, Marcos Leite, Alexandre Mendonça e Rogério Machado

APÊNDICE B - Ficha técnica do Módulo 1 da série

Título: Gravidez

Duração: Aproximadamente 12 minutos

Entrevistados: Maria de Fátima Zampieri, enfermeira; Ana Cláudia Bornhausen, nutricionista; Myrna Duarte, fisioterapeuta; Viviane Fernandes, assistente social.

Assuntos abordados: Mudanças e reações no organismo da mulher durante a gestação; alterações emocionais; exames clínicos no pré-natal; alimentação (sugestão de cardápio para a gestante); atividades físicas e postura; importância do exame pré-natal; direitos da gestante.

APÊNDICE C - Ficha técnica do Módulo 2 da série

Título: Parto e Pós-parto

Duração: aproximadamente 12 minutos

Entrevistados: Marcos Leite, obstetra; Maria de Fátima Zampieri, enfermeira; Zaira Custódio, psicóloga; Viviane Fernandes, assistente social.

Assuntos abordados: Os sinais que indicam o início do trabalho de parto e quando ir para a maternidade; os diferentes tipos de parto; os exames e procedimentos feitos no pós-parto; a recuperação da mulher; depressão pós-parto, licença paternidade.

APÊNDICE D - Ficha técnica do Módulo 3 da série

Título: Amamentação

Duração: aproximadamente 13 minutos

Entrevistados: Marcos Leite, obstetra; Ingrid Bertoldo, enfermeira; Viviane Fernandes, assistente social.

Assuntos abordados: Dificuldades na amamentação; como oferecer o peito; frequência das mamadas; posição do bebê; cuidados com as mamas, ordenha e armazenamento do leite materno; alimentação da mulher durante a amamentação; mitos que envolvem a amamentação; direitos sobre amamentação.

APÊNDICE E - Ficha técnica do Módulo 4 da série

Título: Bebês

Duração: aproximadamente 14 minutos

Entrevistados: Ingrid Bertoldo, enfermeira; Iara Pacheco, pediatra; Ana Cláudia Bornhausen, nutricionista; Viviane Fernandes, assistente social.

Assuntos abordados: Procedimentos hospitalares com o recém-nascido logo após o parto (exames, aplicação de medicamentos, rotinas preventivas); como dar banho no bebê; cuidados com o coto umbilical; problemas de adaptação (alergias, icterícia); cuidados durante o sono e com o choro; troca de fraldas; consultas médicas e vacinas; alimentação do bebê.